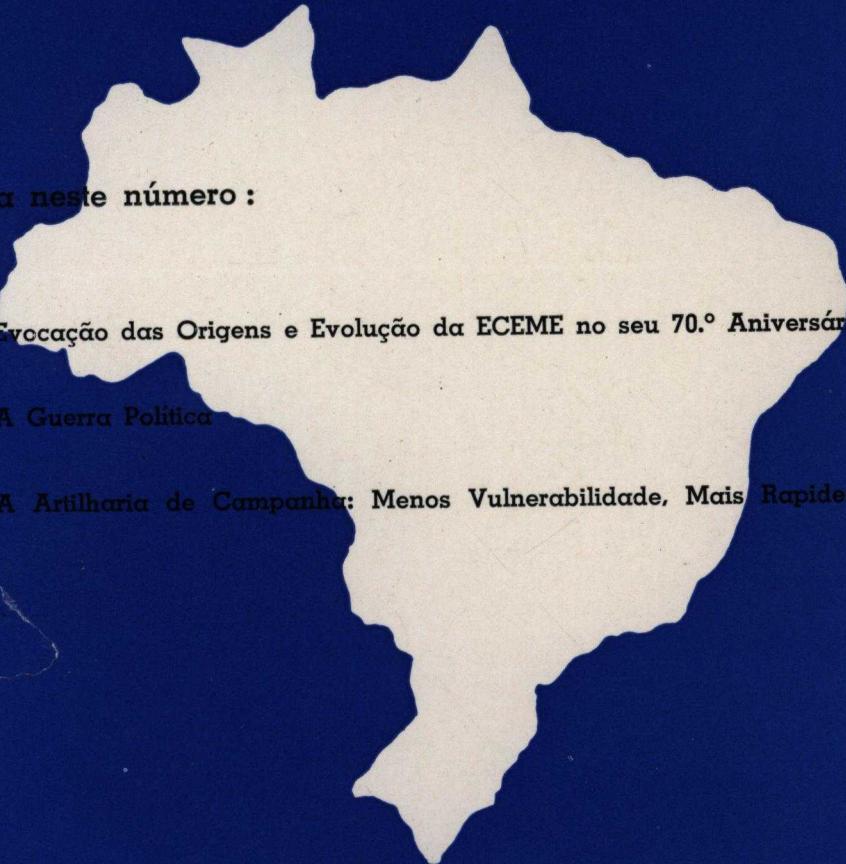


A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES E ESTUDOS BRASILEIROS

Lêa neste número :

- 
- Evocação das Origens e Evolução da ECEME no seu 70.º Aniversário
 - A Guerra Política
 - A Artilharia de Campanha: Menos Vulnerabilidade, Mais Rapidez

Evocação das Origens e Evolução da ECEME no Seu 70.^º Aniversário

Conferência proferida pelo Gen Bda ALZIR BENJAMIN CHALOUB, na sessão solene comemorativa do 70^º aniversário da ECEME, no dia 2 de outubro de 1975.

Congregados pelo mesmo propósito de celebrarmos o setagésimo aniversário da criação da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, aqui estamos, neste Auditório, que tem o nome do nosso maior Soldado, todos os que passamos por este templo de cultura e de saber — “alunos na maior parte; instrutores muitos e de relevo; comandantes, tantos que foram ilustres ou que puderam ter sido com lustre” — aqui estamos, — nós e todo o Exército — aliado, ao regozijo natural pela efeméride, a honra e as alegrias pelas presenças das mais altas autoridades do Estado e da Cidade que a viu nascer e prosperar, dos mais altos Chefes do nosso Exército, de tantos convidados ilustres e, em especial, bendizendo a presença afetuosa dos que vieram antes que eu chegasse, nossos ex-comandantes, aqueles que, no dizer de nosso Ministro, em sua última Ordem do Dia, continuam “nossos chefes e nossos mestres”, que construíram tudo quanto hoje desfrutamos, pois aqui deixaram “seu esforço e seu saber, seu exemplo, sua permanente inspiração”.

A todos os nossos agradecimentos, o reconhecimento sincero de quantos nesta Casa mourejam, pelo prestígio de suas presenças e estímulo que nos concedem.

Como atual responsável direto pelos destinos deste Instituto Superior, convido-os a todos para, mergulhando nas profundezas do passado distante, buscarmos nas origens mesmas da Instituição a inspiração criadora que a mantém sempre renovada e encontrarmos, na solidariedade das gerações que se sucedem, a confiança na grandeza do seu futuro.

Longa será a caminhada... Foram setenta anos em prol do Exército, setenta anos de vida consagrada ao estudo e ao ensino militar, setenta anos dedicados, honesta e eficientemente, à tarefa de formação de chefes militares e oficiais de estado-maior, e que dão a esta solenidade a grandiosidade de cenários que só o tempo pode formar e a indicação de que o passado aqui está para ser continuado e sempre aperfeiçoado.

Reverenciamos, pois, o passado, para que possamos viver melhor o presente, para que nosso trabalho, nosso estudo, nossa dedicação, nosso esforço produtivo, o saber aqui adquirido e a cultura aqui forjada sejam iluminadas pelo mesmo espírito que inspirou sua fundação e sua evolução, pelo mesmo amor ao Exército e ao Brasil que construíram este patrimônio moral e cultural, que nos cabe passar engrandecido às novas gerações.

Bem distante, nos primórdios mesmo da nacionalidade, encontramos os primeiros indícios da atividade que iria determinar a criação desta Escola:

1808 — O 1.º Ministro da Guerra do Brasil, D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, criou a real Academia Militar, juntamente com a real Academia de Marinha. Criou, também, o Quartel-General da Corte, com a finalidade de orientar e coordenar as atividades do Exército.

Era o início, embora tímido, das atividades de estado-maior em nosso país.

1824 — O Império reorganiza o Exército, criando o Estado-Maior Geral de 1^a classe, constituído de Oficiais cursados na real Academia Militar, além do Estado-Maior de 2^a classe, formado por elementos auxiliares.

Iniciava-se assim, oficialmente, a atividade de estado-maior no Exército Brasileiro, mas não havia ainda uma formação especializada para o seu pessoal.

1845 — A Real Academia que, desde 1839, mudara o nome para Escola Militar, passa a formar, além de oficiais das armas, oficiais especializados na função de Estado-Maior, num curso de 8 anos de duração.

1857 — O Ministério Caxias cria a Ajudância-Geral do Exército, com a missão de fiscalizar a disciplina, o abastecimento, a administração dos corpos, hospitais e fortalezas.

1858 — Reformulação da Escola Militar, no sentido de maior profissionalização, passando os cursos a terem as seguintes durações: Inf e Cav, 2 anos; Art, 3 anos; 4 anos e Eng, 5 anos.

1860 — A Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra foi reestruturada para melhor centralizar as diferentes atividades do exército. Consequentemente, a ajudância-geral e o Quartel-mestre, então instalados, ficaram diretamente subordinados ao ministro.

1888 — Benjamin Constant subdividiu a Escola Militar em:
— Escola Militar da Corte, para Infantaria e Cavalaria.
— Escola Superior de Guerra, para Art, Eng e Estado-Maior.

1896 — O governo da república promulga a Lei n.º 403, de 24 de outubro, criando o atual Estado-Maior do Exército, em substituição às antigas repartições da ajudância e Quartel-mestre gerais.

Ruíram e caíram assim, por terra, os últimos vestígios da velha organização portuguesa. Aproximávamo-nos celeremente de um novo século e do amanhecer de uma nova época. O Estado-Maior do Exército, diretamente subordinado ao Ministro da Guerra, é desde logo considerado órgão essencial do Alto Comando, com a missão de preparar o Exército para a guerra, cabendo-lhe, conforme o art. 1.º do seu Regulamento, estudar o emprego das tropas em campanha e preparar os elementos de sua mobilização, transporte e concentração nos diversos teatros de operações. A novel organização cedo per-

cebeu as deficiências da formação então existente para o seu pessoal; logo compreendeu que as atividades de assessoramento do oficial de estado-maior exigiam conhecimentos de nível superior e que para formá-los, bem como aos novos chefes militares, precisava dispor de um Instituto próprio de Altos Estudos Militares, em que seriam admitidos oficiais selecionados das diversas armas e serviços, de reconhecida competência, comprovada experiência profissional e indiscutível valor moral.

Estudou e propôs, conseguindo, após prolongados esforços, clarear as idéias com o exemplo dos principais exércitos europeus e vencendo mil e uma dificuldades, inclusive de instalações, anunciar a Alvorada de Uma Nova Era.

1905 — O governo do Presidente Rodrigues Alves, sendo Ministro da Guerra o Marechal Francisco de Paula Argolo e Chefe do Estado-Maior do Exército, o Gen Div Francisco Antonio Rodrigues de Salles, baixou o Decreto n.º 5.698, de 2 de outubro, criando a Escola de Estado-Maior do Exército.

Estava assim criado o nosso Instituto de Altos Estudos Militares. Viera ele no contexto do novo Regulamento para os Institutos Militares de Ensino, que lhe atribuía o intuito de proporcionar aos oficiais do Exército, até o posto de Capitão, inclusive, convenientemente habilitados com o curso de sua arma, a instrução militar complementar superior que os habilitasse para o serviço de estado-maior e as funções de chefia militar.

As medidas complementares para o funcionamento do novo Instituto não se fizeram tardar.

1906 — Por Decreto de 24 de janeiro, foi nomeado Primeiro Comandante da Escola de Estado-Maior o Senhor General-de-Brigada Miguel Maria Girard.



Gen Bda MIGUEL MARIA GIRARD
1º Cmt da Escola de Estado-Maior

Dois dias depois, numa dependência da Repartição do Estado-Maior do Exército, toma posse o Gen Girard do seu cargo, baixando a seguinte Ordem do Dia:

COMANDO DA ESCOLA DE ESTADO-MAIOR. RIO DE JANEIRO, 26 DE JANEIRO DE 1906

ORDEM DO DIA N.º 1

Para os devidos efeitos, faço publico que assumi hoje o Comando desta Escola, creada pelo Regulamento que baixou com o Decreto n.º 5.698 de 2 de Outubro de 1905, para a qual fui nomeado Commandante por Decreto de 24 do corrente.

Neste honroso posto, que me confiou o Governo da Republica, procurarei, até onde permittirem as minhas forças, imprimir a

orientação dada pelo actual Regulamento do ensino militar, haurindo na experiência já adquirida os methodos e as normas adaptáveis a cada caso.

Para a realização desse desideratum, estarei sempre prompto a colher, estudar e aceitar todas as idéias e informações que, a bem dos diversos serviços, me queiram espontaneamente apresentar os senhores officiaes do magistério e da administração e funcionários civis.

Com o concurso de tais elementos e circunscripto ás orbitas traçadas pelo Regulamento vigente, julgo poder fazer uma administração que de algum modo corresponda á confiança com que me distinguo o Governo da Republica. (a) MIGUEL MARIA GIRARD — General de Brigada.



Livro de Ordem do Dia do Comando, iniciado em 26-1-1906.

Este, realmente, era o inicio de um novo período da evolução do Exército. Mal estavam lançadas as bases do funcionamento do instituto superior do ensino militar e já se cogitava de assentar medidas que estabelecessem normas para admissão e matrícula no seu quadro discente.

10 Mar 1906 — O Ministro da Guerra, em Aviso n.º 419, aprova as Primeiras "Instruções Para o Concurso à Matrícula".

Essas normas passaram a constituir a forma de seleção e uma tradição jamais esquecidas. É interessante constatar a orientação seguida desde os primórdios do funcionamento desta Escola e que passaram a constituir a diretriz modelar que assegurou a ampliação do nível cultural do Exército. De começo, prescrevia como condições imperativas:

Art. 1.º — Ter o posto de 2.º Ten a Cap inclusive;
 ter o curso de sua arma;
 ter dois anos de efetivo serviço em um corpo de sua arma;
 não ter nota que o desabone;
 não ter sido inabilitado em dois concursos anteriores.

O programa, consoante a determinação do art. 6.º, seria elaborado por um Conselho de Instrutores da Escola e aprovado pelo Ministro da Guerra.

Como ainda tardassem as obras de recuperação do Edifício da Praia Vermelha, onde a Escola deveria ter sua instalação provisória, e não houvesse espaço na Repartição do Estado-Maior, o General Girard conseguiu dependências emprestadas para instalar a Secretaria da Escola e seu Conselho Escolar, conforme a Ata existente em nosso Registro Histórico, da qual extraímos:

ATA DE INSTALAÇÃO

Aos quatro dias do mês de abril de mil novecentos e seis, na Secretaria da Escola de Estado-Maior, a qual funciona provisoriamente numa das dependências da direção de contabilidade de guerra, acham-se presentes os senhores professores Coronéis Vicente Antonio do Espírito Santo, Henrique Augusto Eduardo Martins e Francisco Lino Soares de Andrade, Tenente Coronel José Faustino da Silva, Majores Saturnino Nicolau Cardoso, Marcos Franco Rebelo, José da Silva Braga, José Joaquim Firmino, Carlos Frederico Nabuco e Leonildo Antonio Galvão, Manoel Said Ali. Faltando com causa justificada o Tenente Coronel Luiz Cruls.

Havendo número legal para a instalação do conselho escolar, assume a presidência o Senhor General de Divisão Graduado

Miguel Maria Girard, Comandante da Escola, que declara aberta a sessão e instalado o conselho.

4 Jun 1906 — O Ministro da Guerra aprova o programa organizado para o concurso de admissão.



Ala Norte do prédio do Ministério da Guerra, onde foi instalada, provisoriamente, a Escola de Estado Maior, de 1906 a 1907, e onde voltou a funcionar em 1920 e 1921.

Ainda nesse mesmo ano de 1906 foi organizado e aprovado o primeiro Currículo, cujas matérias foram distribuídas em 2 períodos ou Anos Letivos, do seguinte modo:

PRIMEIRO CURRÍCULO

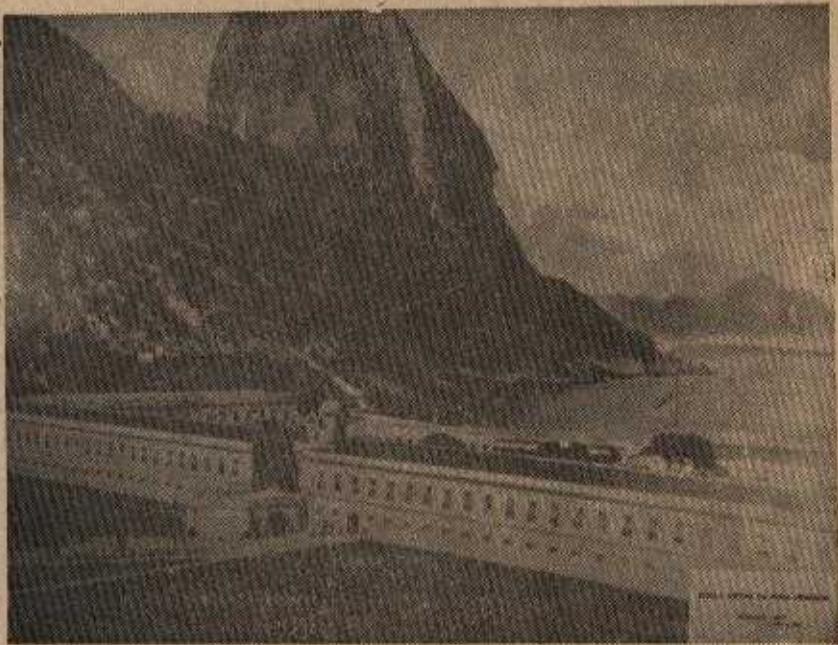
Aprovado para o Triénio 1907 - 1909

1.º período — Geografia Militar, Tática Aplicada, Fortificação, Astronomia, Higiene Militar, Prática Falada de Línguas Francês e Espanhol (obrigatórias) e Inglês e Alemão (facultativas)

2.º periodo — Tática Aplicada, Organização dos Exércitos Sul-Americanos, Caminhos de ferro, Telégrafos, Telefones, Aerostação, Direito Internacional, Economia Política, Geodésia, Teoria das Projeções das Cartas Geográficas, Desenho e Redução de Cartas.

Ao iniciar-se o ano de 1907, pôde a Escola iniciar suas atividades escolares, de acordo com o seguinte cronograma:

- 1907 — 10, 11 e 12 Jan, realização do 1.º Concurso de Admissão.
— 16 de Mar, matrícula dos primeiros alunos aprovados
— 02 Abr, Instalação da Escola no Pavilhão de Administração da Antiga Escola Militar do Brasil, na Praia Vermelha.
— 15 Abr, inicio do 1.º ano letivo.



Instalação da Escola no Pavilhão de Administração da Antiga Escola Militar do Brasil, na Praia Vermelha. (2-4-1907).

Assim foi dado o início às atividades desta Escola, que tanto veio a significar para o nosso Exército e seus oficiais. Sua vida prosseguiu cada vez mais intensa, numa atualização incessante, buscando aprimorar-se cada vez mais para melhor servir ao Exército e ao Brasil.

1909 — Em 27 Fev, dentro do Plano de Reestruturação do Exército, levado a cabo pelo Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra do Governo Afonso Pena, foi aprovado novo regulamento para os institutos militares, o qual trouxe para a Escola de Estado-Maior, entre outras, as seguintes modificações:

- Aumento do curso para três anos, sendo o último de natureza teórico-prática e incluindo uma viagem de Estado-Maior.
- Inclusão do ensino da estratégia e da história militar.

1910 — Por influência do General Tasso Fragoso, que chefiara missão de estudos à Europa, seu discípulo, Maj Raymundo Pinto Seidl, introduz na escola o chamado jogo da guerra, através do estudo do caso concreto ou tema tático.

1913 — A astronomia, considerada anteriormente de superior importância, pois era atribuição dos Oficiais de Estado-Maior a elaboração de cartas de Campanha, passa a ser considerada como assunto puramente técnico, sendo eliminada das cogitações da escola.

— Em seu lugar, surge uma nova aula: "Serviço de Administração Militar, Material e Tática dos Abastecimentos", dando maior relevância aos problemas logísticos e às questões administrativas.

1915 — O Cmt recomendava, pela primeira vez, que se pedissem trabalhos em domicílio.

1916 — Inaugurava-se com grande solenidade o sistema de conferências realizadas por pessoas estranhas ao corpo docente, porém, de notória capacidade intelectual e profundos conhecimentos. O próprio Ministro da Guerra esteve presente, assim como outras altas autoridades, prestigiando a iniciativa.

Enquanto isso, desenvolvia-se a alastrava-se o Conflito Europeu, que acabou se transformando na 1.^a Guerra Mundial. O país entrava numa fase de grande efervescência, agravada com a declaração de guerra à Alemanha, em 14 de janeiro de 1918. Decidiu então o Governo interromper as atividades da Escola, como imperativo do momento e, na última Ordem do Dia, assim se externou seu Cmt, o Gen Bda Inácio de Alencastro Guimarães:

4 Jan 1918 — Ordem do dia. Cessa hoje a sua atividade, ainda que temporariamente, para surgir e brilhar em outra época mais calma da vida nacional, conforme as previsões judiciosas do governo. Teve uma existência relativamente curta, onze anos, mas deixa bem nítida uma série de benefícios ao Exército... As turmas se sucederam, o ensino técnico se aperfeiçoou, novos e mais vastos conhecimentos foram proporcionados e o Exército sente o benéficio esforço desse conjunto de obreiros da ciência a ensinar e dos dedicados e sérios ouvintes a aprender e a discernir.

Era a alma do velho soldado extravasando-se e vibrando de incontida saudade dos momentos de intensa atividade no campo do aperfeiçoamento e da evolução do Exército a que tanto amava, sentindo que a Escola não poderia encerrar para sempre as suas secundas atividades.

E realmente, como se esperava, a interrupção dos cursos foi muito curta. Logo perceberam as autoridades a lacuna deixada no aperfeiçoamento do Quadro de Oficiais e, a fim de proporcionar-lhes novos conhecimentos e colocá-los em condições de atender aos imperativos da última guerra, foi contratada com o governo da França a vinda de uma Missão Militar de Instrução.

20 Abr 1920 — Reinício das atividades da Escola, sob comando do Cel Nestor Sezefredo dos Passos e orientação da Missão Militar Francesa, chefiada pelo General Emile Gamelin, e instalada na ala nova do Quartel-General.

13 Out 1921 — Transferência da Escola para a Rua Barão de Mesquita.



Gen. EMILE GAMELIN, 1.º Chefe da Missão Militar Francesa. (1920).

Logo ao chegar, perceberam os franceses o problema principal do ensino no nosso Exército. E que existia um Instituto de Altos Estudos Militares, mas olvidara-se a criação de uma escola de nível intermediário. O aperfeiçoamento

realizado nos corpos de tropa era deficiente e, além do mais, profundamente heterogêneo, pois, diretamente influenciado pelas condições particulares de cada quartel. Havia, pois, necessidade de nivelar e aperfeiçoar os conhecimentos dos jovens oficiais, surgindo, para esse fim, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Por sua vez, a própria Escola de Estado-Maior passou a ter objetivos mais restritos, transformando-se, basicamente, numa Escola de Tática Geral.



Prédio onde funcionou a EEM, à Rua Barão de Mesquita, em 1921. (Atual 1.º BPE).

Grande foi o mérito dos oficiais da MMF, desenvolvendo uma campanha sistemática de modernização da instrução militar, revelando os mais recentes processos de combate e deixando, como testemunho do esforço e da dedicação de tão valorosa equipe, inúmeras publicações sobre tática das armas, tática geral, serviço em campanha, história e chefia militar.

A permanência da MMF entre nós caracterizou-se por várias fases, assim resumidas: inicialmente, cabia-lhe a direção dos estudos e todos os instrutores lhe pertenciam; numa

segunda etapa, os instrutores franceses passaram a ter oficiais brasileiros como adjuntos; num outro lance, a Missão manteve a direção do ensino e a assessoria, já com o concurso integral dos instrutores brasileiros; por fim, nos últimos tempos, conservaram-se os franceses apenas como conselheiros, estando as demais tarefas a cargo dos oficiais brasileiros.

Graças a esta feliz orientação, ao deixar o nosso país, em 1940, o último dos discípulos de Foch, nenhuma solução de continuidade, nem outro qualquer contratempo, sofreu a Escola de Estado-Maior, com seus instrutores já experimentados e amadurecidos nas tarefas do ensino, bem como capazes de enfrentar com sobranceria os mais delicados problemas e intrincadas questões no campo militar.

Mas os mestres franceses haviam contraído uma dívida com o Exército e, em particular, com esta Escola, ao restringirem o nível de seu ensino, apesar de compensá-lo com a maior objetividade dos assuntos ministrados. A fim de obviar essa situação, foi criado, inicialmente, um Curso de Informações, a cargo desta Escola, e com pleno êxito, para a formação de nossos chefes, como ficou plenamente demonstrado com a nossa participação na 2.ª Guerra Mundial. Mas a dívida somente seria inteiramente resarcida já às vésperas da retirada da MMF.

1939 — Por despacho de 28 Abr, o Ministro de Estado da Guerra aprovou as "Instruções Provisórias para a Organização e o Funcionamento do Curso de Alto Comando e do Curso de Aperfeiçoamento de Estado-Maior", que prescrevem:

2. O Curso de Alto Comando caracteriza-se pelo estudo do papel do "Chefe" na execução duma missão confiada a uma Gu (Divisão, Grupo de Divisões, Corpo de Cavalaria, Corpo de Exército, Exército, Grupo de Exércitos) exercitando sua prerrogativa de tomar decisões de ordem tática e estratégica.

3. O Curso de Aperfeiçoamento de Estado-Maior caracteriza-se pelo ensino da elaboração dos documentos de Estado-Maior concernentes às Guerras superiores à Divisão.

5. O Curso de Alto Comando compreenderá duas partes:

— A primeira, de revisão do ensino tático; — A segunda, de ensino estratégico em que se estudarão os seguintes assuntos: O Exército na Manobra — O Grupo de Exércitos — O Comando-em-Chefe — O Governo e a Guerra — A Preparação para a Guerra — A Mobilização.

9. O Curso de Alto Comando será dirigido pelo Sr. General Chefe da MMF que dirigirá, também, por intermédio de um Oficial Superior da Missão, o Curso de Aperfeiçoamento de EM.

1939 — A 20 Mai, o Boletim Escolar publicou a matrícula no Curso de Alto Comando dos seguintes Oficiais:

Gen Bda Newton de Andrade Cavalcanti
Gen Bda Antonio Fernandes Dantas
Cel Abrilino de Moraes Pires
Cel Salvador Cesar Obino
Cel Francisco Gil Castelo Branco
Cel Eduardo Ulhoa Cavalcanti
Cel José Agostinho dos Santos
Cel Orozimbo Martins Pereira
Cel Alvaro Areias
Cel Silvio Lourença Schleider
Cel Anor Teixeira dos Santos

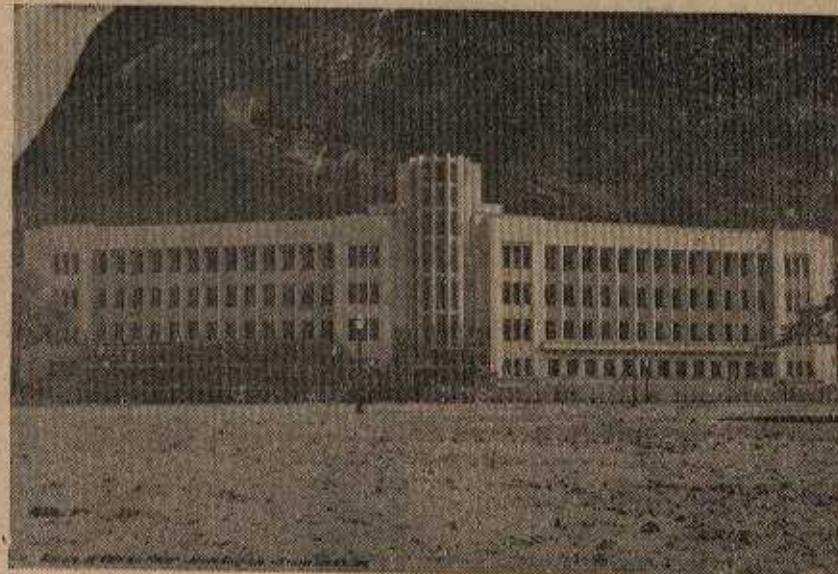
— A 26 Jun, o Boletim Escolar publicava a designação, para frequentarem o Curso de Aperfeiçoamento de Estado-Maior, dos seguintes Oficiais:

Ten Cel Tristão de Alencar Araripe
Ten Cel Orestes da Rocha Lima
Ten Cel Inácio José Veríssimo
Ten Cel Adriano Saldanha Mazza
Ten Cel Ascâncio Viana

Maj João Baptista Rangel
Maj Edgardino de Azevedo Pinta
Maj Altamiro da Fonseca Braga
Maj Oscar de Barros Falcão

— A 23 Dez foi realizada a cerimônia de diplomação dos Oficiais concluentes dos Cursos de Estado-Maior, Aperfeiçoamento de Estado-Maior e Alto Comando.

Esses cursos, entretanto, funcionaram apenas no ano de 1939. O inicio da 2.^a Guerra Mundial, a retirada dos últimos membros da Missão Militar Francesa, os compromissos internacionais do Brasil, os acordos militares assinados, a estreita cooperação com os norte-americanos e, por fim, a própria entrada do Brasil na Guerra iriam modificar profundamente a doutrina, os currículos, os processos de ensino, os métodos de trabalho e o próprio ambiente escolar. Os manuais norte-americanos foram adaptados para substituírem os excelentes regulamentos originários da MMF.



Instalação da Escola na Praia Vermelha. (24-6-1940).

Iniciou-se um outro periodo na sua história e um passo decisivo na sua evolução, cujos marcos principais podem ser assim resumidos:

- 1940 — A 24 Jun a Escola de Estado-Maior transferiu-se do vetusto casarão do Andarai, instalando-se definitivamente no atual edifício da Praia Vermelha.
- Criou-se o Curso de Preparação, por iniciativa do Estado-Maior do Exército.
- Abrem-se as portas da Escola ao ingresso dos camaradas dos Exércitos das Nações amigas, com a matrícula de quatro Oficiais paraguaios.
- Realiza-se um Curso de Estado-Maior para os Oficiais da recém-criada Força Aérea Brasileira.
- 1943 — Inicia-se a matrícula de Oficiais dos Serviços de Saúde e de Intendência.
- 1945 — A Força Expedicionária Brasileira regressa vitoriosa da Itália. Introdução definitiva da doutrina militar norte-americana no currículo escolar.
- 1947 — Criação do Curso de Estado-Maior e Serviços.
- 955 — A 25 Fev foi aprovado novo regulamento para a Escola, que passou a designar-se Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Esse periodo, iniciado sob o comando do Cel Renato Baptista Nunes, foi assinalado pelo aparecimento dos grandes mestres da moderna cultura e saber militares em nosso país, alguns dos quais, para felicidade nossa, aqui presentes neste Auditório. Foi quando aqui se destacou — nesta Casa e, particularmente, neste Auditório — pelo brilho de sua cultura e fulgor de sua inteligência, o grande estadista Mal Humberto de Alencar Castello Branco.

A esse periodo, tão fecundo em realizações, e ao qual pertencem os mais altos chefes militares da atualidade, deve-se, em grande parte, o prestígio extraordinário que, extravasando os limites restritos do Exército, passou a Escola a desfrutar tanto no cenário nacional como no internacional.

e marcado por condecorações, comendas e visitas ilustres recebidas, tanto de instituições e personalidades brasileiras como de outras nações.

- 1946 — A 6 de agosto a Escola recebe a visita do General Dwight David Eisenhower, Cmt dos exércitos aliados na europa.
- A 21 Nov visitam a Escola os generais franceses Alphonse Pierre Juin e Marcel Carpentier.
- 1947 — A 14 Ago a bandeira da Escola é agraciada com as insígnias da "Ordem do Mérito Militar".
- 1949 — A 29 Abr a Escola é distinguida com a "Ordem do Mérito Aeronáutico".
- 1956 — Em 31 Jul a Escola é condecorada com a Medalha "Abdon Calderon, 1^a Clase", da República do Equador.
- 1958 — A 11 Nov a Escola é condecorada com a "Ordem do Mérito Naval".
- 1962 — A 04 Ago a Escola é honrada com a "Cruz de las Fuerzas Armadas de Cooperacion, 1^a Clase", da Venezuela.
- 1963 — A 18 Dez a Escola é condecorada com a "Ordem do Mérito Jurídico, alta distinção", do Superior Tribunal Militar.

Por essa época, já se preparava a Escola para outro impulso decisivo na sua evolução. Desde o início da década de 60, a Escola passou a sofrer a influência de fatores diversos entre os quais podemos citar:

- a ameaça crescente da Guerra Revolucionária, obrigando a Escola a pesquisar uma doutrina para enfrentá-la;
- a evolução da doutrina militar norte-americana, tornando cada vez mais irreal sua aplicação no ambiente sul-americano;
- a necessidade premente de compreender o mundo em acelerada evolução científica e tecnológica, a par de incessantes transformações sociais e culturais, impondo novas exigências às qualificações e capacitações impostas ao futuro Chefe.

Ingressou assim a Escola no seu periodo atual, o de auto-affirmação, caracterizado por uma doutrina própria e balizado por outros fatos igualmente marcantes:

- 1963 — Instituição de novo currículo distribuído por áreas de ensino. Extinção dos cursos de armas e apoios.
- 1964 — A ECEME participa ativamente da Revolução de 31 de Março, constituindo-se em um dos pólos principais dos acontecimentos e transformando a Praia Vermelha no baluarte da liberdade e da democracia.
- A ECEME recebe a visita do presidente da França, General Charles de Gaulle.
- 1965 — A 24 de junho, a ECEME recebe a "Cruz de las Fuerzas Terrestres Venezolanas, 2^a Clase".
- 1966 — A 20 Dez, a ECEME ingressa como membro honorário da "Ordem Militar de Aviz", concedida pela nação irmã Portugal.
- 1968 — A 1.^º Mar, entra em vigor o atual regulamento da ECEME que extingue as áreas de ensino e restabelece as seções de ensino, cria o curso de atualização e institui o grupo de planejamento e coordenação.

As Areas de Ensino passaram a constituir apenas um marco — e dos mais decisivos, na sua evolução. Cumpriram a sua finalidade de estimular o desenvolvimento de uma Doutrina Brasileira e podia a Escola voltar à sua organização tradicional em Seções de Ensino, agora com uma doutrina unificada e adaptada às nossas reais necessidades e possibilidades. E prossegue o Histórico:

- A 22 de Mar, a Escola recebe nova honraria, a Medalha "Mérito Coronel Assumpção", da Polícia Militar da Guanabara.
- De 23 a 30 Set, a ECEME organiza e realiza a "VIII Conferência de Exércitos Americanos".
- 1969 — A ECEME sai da subordinação original ao Estado-Maior do Exército e passa a integrar o Departamento de Ensino e Pesquisa, recém-criado.
- Criado o Curso de Extensão do Aperfeiçoamento (CEA), a ser realizado por correspondência, com a consequente redução do curso da ECEME para dois anos.

- 1971 — Como fruto da experiência negativa após dois anos de execução, foi extinto o CEA. Retorno do Curso Integral em três anos.
- Em 27 Abr, realização do Simpósio sobre a História do Exército, com a participação ativa de alunos e instrutores; do qual resultou a "História do Exército Brasileiro — Perfil Militar de Um Povo".
- 1972 — Aprovada nova Lei do Ensino no Exército, da qual resultou a Extinção dos concursos de admissão baseados em provas de cultura geral e a matrícula assegurada para os concludentes da EsAO melhores classificados.
- 1974 — A 18 Mar, a ECUME recebe a visita honrosa do Presidente da Junta Gubernativa do Chile, General Augusto Pinochet Ugarte.
- A 11 Jul, a Escola recebe a visita do Exmo. Sr. Gen Ex Sylvio Couto Coelho da Frota, novo Ministro do Exército, o qual, numa demonstração de especial deferência para com esta casa, escolheu-a para realizar sua 1^a visita a uma organização militar após a assunção do cargo.
- A 11 Set, a Escola encaminha ao Escalão Superior o "Plano de Reformulação dos Cursos da ECUME", propondo o desdobramento dos cursos atuais em um Curso de Estado-Maior e um Curso Superior de Comando.
- 1975 — A 4 Set, o Sr. Ministro do Exército determina a realização de estudos para a organização de um curso de Altos Estudos Militares para engenheiros militares, com a duração de um ano, que deverá funcionar a partir de 1976.

E assim chegamos aos dias atuais, ao dia mesmo em que comemoramos o Setuagésimo Aniversário desta Instituição, ao fim de nossa jornada, desde o passado mais distante aos últimos dias recentemente vividos. Rememorando um pouco da sua História, fortalecemos a solidariedade entre as gerações, desnudamos o fio invisível que a guiou toda sua existência, provavelmente compreendemos melhor o seu significado para o nosso Exército e o próprio sentido de sua evolução.

Senhores, esta sessão estaria incompleta se daqui não procurássemos delinear os rumos de seu futuro. Após por

longo tempo nos consagramos ao estudo de uma guerra passada, passamos a nos preocupar basicamente com a guerra do futuro, fazendo com que os alunos tomem consciência da sua responsabilidade na evolução do mundo contemporâneo. Procuramos estabelecer uma prospectiva de grandeza para o nosso país, sem nos perdermos nos devaneios de uma futurologia abstrata.

A ECEME considera sua missão formar os Chefes do Exército para as décadas de 1980 e 1990. Aqui estão eles, lotando este Auditório, caminhando em nossos corredores, estudando em nossas salas de aula, pesquisando em nossas bibliotecas.

Para todos, o que queremos aqui deixar é a nossa mensagem de otimismo, trabalho honesto, evolução constante, confiança no futuro e, principalmente, de profundo amor ao Brasil.

ESCOLA DE COMANDO

E

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

-70º Aniversário-

HOMENAGEM AQUELES QUE,

NESTA CASA,

SERVIRAM AO EXÉRCITO E AO BRASIL



Gen. Iba Silveira Couto Cunha - Podes - Ministro da Exército

Gen. Ex. Ulysses Guimarães Monteiro - Chefe do DEP

Gen. Div. Ernesto Ayrosa da Silva - Diretor da OPA

Gen. Bda. Aizir Benedito Chaves - Chefe da ECEME

1905

—

2 de outubro

—

1975



Bastão Simbólico do 70.º aniversário, oferecido ao ex-Cmt presente às comemorações do dia 2 Out 75.

EX-COMANDANTES DA ECEME

- 1 — Gen Div Miguel Maria Girard
- 2 — Cel Alfredo Cândido de Moraes Rego
- 3 — Cel Gabino Bezouro
- 4 — Cel Felinto Alcino Braga Cavalcante
- 5 — Gen Bda Inácio de Alencastro Guimarães
- 6 — Cel Nestor Sezefredo dos Passos
- 7 — Cel Raymundo Pinto Seidl
- 8 — Cel Jhonatas Borges Fortes
- 9 — Cel Augusto Limpo Teixeira de Freitas
- 10 — Cel Raymundo Rodrigues Barbosa
- 11 — Cel Chistovão de Castro Barcellos
- 12 — Cel José Antonio Coelho Netto
- 13 — Cel Estevam Leitão de Carvalho
- 14 — Cel Isauro Reguera
- 15 — Cel Milton de Freitas Almeida
- 16 — Cel Renato Baptista Nunes
- 17 — Cel Henrique Baptista Duffles Teixeira Lott
- 18 — Cel Fernando de Sabóia Bandeira de Mello
- 19 — Gen Bda Francisco Gil Castello Branco

- 20 — Gen Bda Tristão de Alencar Araripe
- 21 — Gen Bda José Daudt Fabricio
- 22 — Gen Bda João Valdetaro de Amorim e Mello
- 23 — Gen Bda Antonio José Coelho dos Reis
- 24 — Gen Bda Humberto de Alencar Castello Branco
- 25 — Gen Bda Emilio Maureil Filho
- 26 — Gen Bda Hugo Panasco Alvim
- 27 — Gen Bda Luiz Augusto da Silveira
- 28 — Gen Bda Jurandyr de Bizarria Mamede
- 29 — Gen Bda João Bina Machado
- 30 — Gen Bda Reynaldo Mello de Almeida
- 31 — Gen Div Adolpho João de Paula Couto
- 32 — Gen Bda Ariel Pacca da Fonseca
- 33 — Gen Bda Roberto Alves de Carvalho Filho
- 34 — Gen Bda Francisco de Mattos Junior

*"Mais importante do que a organização e as armas
são os homens que compõem um moderno Exército.
A modernização exige que o soldado seja bem preparado,
alerta e inteligente. Ele deve saber pensar e agir rá-
pidamente e ter versatilidade. E deve saber combater
em condições superiores contra um inimigo acirrado.*

*Deve possuir, pelo menos em igual medida, a co-
ragem moral e a devoção ao dever demonstrados pelos
seus antepassados".*

A Guerra Política

Gen. Div. R/1

ADOLPHO JOÃO DE PAULA COUTO

INTRODUÇÃO

O que nos propomos apresentar neste trabalho é uma visão do conflito ideológico que se trava entre o Mundo Livre e o Mundo Comunista, procurando mostrar, não apenas a existência desse conflito, negada por alguns, iludidos ou não pela "coexistência pacífica", mas sobretudo a posição eminentemente ofensiva do Mundo Comunista contra a débil e acomodada atitude defensiva do Mundo Livre.

A esse conflito ideológico é que chamamos de guerra política, cuja conceituação será objeto de um item posterior.

1. As manifestações ostensivas da Guerra Política

1.1. — *Desmoralização e isolamento dos EUA:*

Desde a vitória da revolução comunista na Rússia, uma das diretrizes básicas de sua estratégia de expansão no resto do mundo foi assim estabelecida:

"Isolar os Estados Unidos de seus aliados".

Inicialmente a tarefa não foi fácil, dada a plena integração ideológica dos EUA com a causa dos demais países do Ocidente, então nitidamente caracterizada, bem como a sensibilidade do Mundo Livre para o perigo comunista.

Entretanto, a pertinácia da ação comunista no sentido de atingir aquele objetivo, vem apresentando frutos cada dia mais evidentes.

A exploração do "nacionalismo", sobretudo dos países em desenvolvimento e subdesenvolvimento, tem sido arma eficientíssima no destorcer a imagem do país líder do Mundo Livre, procurando transformá-lo no grande vilão do mundo, sobrepujando largamente fatos evidentes e palpáveis que, descontados alguns pecados, demonstram justamente o contrário.

Essa ação tem sido tão solerte e tão hábil que sensibilizou a própria política interna dos EUA, de onde partem attitudes de autodestruição, inspiradas principalmente pelos liberais.

O abandono dos países da antiga Indochina à livre ação dos comunistas, a queda sucessiva do Vice-Presidente e do Presidente dos EUA, os generalizados ataques às atividades da C.I.A., as tentativas de desmoralização do Pentágono, são alguns poucos exemplos do que podem os grupos de pressão interna, estimulados pelo esquerda e reforçando pressões externas de grande amplitude, obedientes à mesma inspiração.

Os perigosos sinais de isolamento vão aparecendo, sobretudo na América Latina onde movimentos de simpatia a Cuba são de evidente inspiração antiamericana e onde vozes já se levantam no sentido de excluir os EUA da O.E.A. O próprio governo brasileiro já sentiu a gravidade do problema, conforme se deduz de recente noticiário da imprensa, relativo à participação do Brasil na Sociedade Econômica Latino-Americana (SELA) proposta pela Venezuela e México. Segundo a notícia, o Brasil condiciona sua participação à ausência de qualquer caráter de confrontação política com os EUA. No mesmo sentido, o ex-chanceler da República Federal da Alemanha, Willy Brandt, presidente do Partido Social Democrata, fez recente advertência, declarando, ao regressar de viagem àqueles dois países e mais aos

próprios EUA, que "os europeus devem manter-se junto ao seu grande aliado", motivado por sinais de insegurança que observou nos EUA.

E quem seria o grande beneficiário do vácuo que se criaria na aliança ocidental com a defecção dos EUA se não o Movimento Comunista Internacional?

O quadro que estamos tentando desenhar adquire extraordinária nitidez quando atentarmos para a seguinte afirmativa de Fred Schwarz, expressa em 1963 em seu livro "Você pode acreditar nos comunistas...":

"Os comunistas acham que estão em guerra conosco. Tal convicção jamais será minimamente alterada, faça o que fizer o mundo livre. Se amanhã os dirigentes das nações livres devessem acatar todas as exigências feitas pelos chefes comunistas, neutralizando todas as bases do Comando Aéreo Estratégico; se houvessem que ceder a todas as exigências sobre a Alemanha; se se curvassem em neutralizar Formosa, se precisassem reconhecer a China Vermelha, admitindo-a nas Nações Unidas; se os americanos devessem dar baixa em todo o recruta e recolher todo o seu armamento para dentro das fronteiras dos Estados Unidos — estariam apenas dando certeza aos comunistas de vitórias maciças na luta de classes, com mais um passo na direção de nossa conquista e destruição finais. Ou admitimos a hipótese e nos defendemos contra ela ou a ignoramos para sermos destruídos. É a alternativa."

Dos objetivos comunistas referidos por Fred Schwarz, na época ainda inatingidos, a maioria, como sabemos, já foi hoje conquistada, o que empresta maior valor e dramaticidade à sua advertência.

Douglas Hyde, em "O Assalto Pacífico", confirma as preocupações que estamos externando ao dizer, também em 1963:

"É típico o programa do Partido Comunista Britânico, "The British Road to Socialism". Este exige combate enér-

gico ao atual espírito de sujeição aos interesses políticos e económicos dos Estados Unidos.

Evidentemente esta orientação encaixa perfeitamente nas atividades dos partidos comunistas, de ambos os lados da Cortina de Ferro, que visam a introdução de cunhas entre diversos países capitalistas e, em particular, o enfraquecimento e *Isolamento* (grifo nosso) dos Estados Unidos como o mais poderoso e temível adversário da política da União Soviética e do bloco sino-soviético. É também um esforço no sentido de tirar proveito do sentimento nacionalista."

É mais um alerta que deixamos àqueles verdadeiros democratas que, independentemente de coloração política, se preocupam com a permanência dos valores da sociedade cristã e ocidental, onde o Brasil, convicta e orgulhosamente, se insere.

1.2 — *Desmoralização do Capitalismo:*

O sistema político democrático não é atacado diretamente pelo Movimento Comunista Internacional que, ao contrário disso, com objetivos táticos, propugna juntamente com os liberais, por um regime onde haja plenitude de liberdades democráticas, que eles sabem utilizar tão bem para afinal, acabar com todas elas.

Ignorando propositadamente a socialização progressiva do sistema económico ainda chamado capitalista, o MCI ataca-o e procura desmoralizá-lo como se ainda se tratasse do capitalismo injusto e anti-social dos pródromos da Revolução Industrial. As conquistas sucessivas que o sistema incorporou e que lhe vêm aparando as arestas de injustiça social, transformaram aquele capitalismo em algo muito diferente, que hoje se chamaria de capitalismo moderno, neocapitalismo ou sistema de economia de mercado, mas de qualquer modo instituindo a iniciativa privada como a única alternativa económica compatível com os sistemas políticos democráticos.

Prevalecendo-se da conotação pejorativa da palavra "capitalismo", usam-na como a via mais fácil de ataque ao sistema político democrático que lhe é afim.

Os líderes comunistas confirmam esse afã em desmoralizar o sistema. Eis como Khruschev se referiu a ele:

"O capitalismo encontra-se em maré vazante, rumo ao colapso. Isso não significa que já se ache por terra, com as pernas estiradas; muito trabalho tem ainda que ser realizado para levá-lo a esse estado" (De "A Luta pela Paz").

Já Lenine dissera antes:

"O capitalismo deve perecer inevitavelmente sob os golpes da revolução proletária" (De "O Assalto Pacífico").

Mostrando a importância dessa via de ataque aos valores do Mundo Livre, Fred Schwarz, ao citar os quatro fatores do aliciamento pela esquerda da juventude intelectual, apontou como primeiro deles a "desilusão com o capitalismo", acrescentando logo a seguir, que "o primeiro fator na formação de um comunista é a desilusão com o sistema capitalista" (De "Você pode confiar nos comunistas...").

1.3 — Desmoralização de personalidades políticas e militares do Ocidente:

A Imprensa do próprio Mundo Ocidental se encarrega de enfatizar o noticiário contrário aos seus próprios interesses, dando relevo a fatos que favorecem a causa comunista.

São exemplos de nossos dias a exploração sensacionalista do episódio Watergate, levando à desmoralização e à renúncia do Presidente dos EUA, como antes, em caso semelhante, fora desmoralizado e levado à renúncia o Vice-Presidente. Os mandatários de países que estão em luta aberta contra o comunismo são impiedosamente massacrados no

noticiário internacional, como é o caso de Van Thieu, do Vietnam do Sul e Lon Nol, do Camboja.

A própria rainha da Inglaterra, até há pouco resguardada de qualquer crítica, começou a receber os respingos de lama dessa propaganda destruidora.

O mesmo acontece com o Gen Augusto Pinochet, presidente do Chile anticomunista, ao contrário de Salvador Allende, do qual se procurava criar a imagem mais favorável possível.

1.4 — *Desmoralização do anticomunismo:*

Referem-se os estudiosos à existência de uma conspiração do silêncio em relação às atividades comunistas, como se elas constituíssem um tabu a ser cuidadosamente evitado nos comentários e nas preocupações diárias. A área ideológica tornou-se dificilmente transitável, evitando-se dar essa conotação aos fatos, por mais evidente que ela seja.

Um dos partidos políticos brasileiros chegou até ao cúmulo de negar, em documento oficial, a existência do conflito ideológico, uma das realidades mais gritantes do mundo contemporâneo.

A "coexistência pacífica", eficiente arma do arsenal psicológico comunista, terá contribuído bastante para criar esse estado de espírito, amaciando as resistências e as prevenções do Ocidente contra o perigoso inimigo, conforme era o objetivo deste último.

Esse fenômeno tem criado situações esdrúxulas, como aquela que é citada por Suzanne Labin ("Em Cima da Hora") ao afirmar que chegou-se ao absurdo de condenar muito mais os anticomunistas definidos do que os próprios comunistas, como se aqueles que querem defender as formas democráticas fossem mais nocivos do que os que as querem destruir.

1.5 — *Desmoralização da polícia:*

A polícia, e de um modo geral, as chamadas forças de repressão, é vítima de campanhas em que se procura criar para ela uma imagem completamente negativa, apresentando-a aos olhos do público como um refúgio de venais e criminosos, espancadores e desprezadores da dignidade da pessoa humana, julgando o todo pelas exceções. É evidente que a instituição apresenta falhas, que têm de ser combatidas, mas daí a querer julgá-la no seu conjunto pelo baixo padrão de alguns maus elementos é um procedimento que só pode auxiliar a subversão. O problema não é apenas brasileiro, mas segue o padrão universal da guerra política visando desmoralizar a lei e a ordem, conforme poderemos ver através do testemunho de J. Bernard Hutton (em "Os subversivos"), referindo-se a fatos de guerra revolucionária na Irlanda:

"O governo foi obrigado a dar ordens à polícia para usar bombas de gás com o intuito de evitar mais prejuízos e danos aos civis inocentes. A polícia, que representava a lei e a ordem, tornou a ser o alvo de protestantes e católicos. Uma tática comum aos subversivos é insuflar o ódio entre a polícia e os cidadãos, e mais uma vez o grito de "brutalidade da polícia" foi ouvido na Irlanda do Norte, como já tinha sido ouvido na França, nos Estados Unidos, na Alemanha Ocidental e no Japão.

1.6 — *Coexistência pacífica:*

Como já antes observamos, a "coexistência pacífica" se constitui numa das mais perigosas armas do arsenal psicológico comunista, pelas defecções que introduz nas fileiras democráticas, sujeitas ao amaciamento em seu ânimo combativo, levando muitos democratas a descrever da necessidade de luta, dadas as "boas intenções" evidenciadas pelo inimigo da democracia.

Na declaração de Khruschev que se segue está implícito o verdadeiro sentido da "coexistência pacífica", expressão

lançada por ele mesmo na área da guerra política, em substituição à "guerra fria":

"Conquistaremos o mundo capitalista utilizando essa formidável arma ideológica (o marxismo-leninismo) e não uma bomba de hidrogênio." (De "A Luta pela Paz")

Portanto, a "coexistência pacífica" só tem sentido verdadeiro quando se trata da guerra convencional ou atômica; no que se refere à guerra política, mais não é do que um perigoso estratagema, um a mais dentre os muitos ardilis identificados pelos diversos estudiosos do fenômeno comunista, entre os quais:

Douglas Hyde (em "O Assalto Pacífico"):

"A coexistência pacífica não é a paz, é um eufemismo para um estado de coisas que os comunistas acreditam poder manipular com o fim de subverter, um após outro, os países do mundo livre."

"A medida que evoluía a estratégia da coexistência pacífica, evoluía paralelamente aquilo que podemos com mais propriedade chamar de política do "assalto pacífico".

"Hoje (os comunistas) acreditam que a guerra mundial assestaria um golpe mortal à sua própria sociedade. Então procuraram e encontraram o que esperam venha a revelar-se como um sucedâneo capaz de debilitar a fibra de nossa sociedade, com a grande vantagem de que não contém os perigos que a guerra levaria ao mundo. O meio encontrado é a subversão econômica, diplomática e política, que é parte de um assalto multilateral, mas unificado. É "pacífico", ainda que suas intenções sejam tão letais como é a própria guerra. Isto é o que a "coexistência pacífica" significa para os comunistas e é importante que o mundo não-comunista compreenda."

1.7 — *Imagen simpática das coisas comunistas:*

Além da conspiração do silêncio criada em torno do perigo comunista, um dos frutos da “coexistência pacífica”, o noticiário da imprensa atualmente veicula de uma forma natural, e muito freqüentemente até simpática, os líderes e os fatos relativos aos países comunistas, ao mesmo tempo que cooperam com o MCI no sentido de deteriorar a imagem dos países ocidentais, em particular os EUA, conforme já vimos. Se nos dermos ao trabalho de comparar a quantidade de notícias favoráveis aos interesses da esquerda com a daquelas que lhe é contrária, notícias, portanto, favoráveis à sobrevivência da democracia, poderemos ficar estarrecidos ante a frieza dos dados estatísticos obtidos.

Os êxitos comunistas no Vietnam e no Camboja recebem farto noticiário, acompanhado da depreciação dos líderes anticomunistas que procuram resistir-lhes. Não se encontram condenação ao Vietnam do Norte que, desprezando os acordos de paz, invade e agride países vizinhos em apoio à subversão comunista, por ele mesmo instigada, enquanto que os EUA, que já estavam para defendê-los de tal agressão, mereceram a mais espetacular condenação, praticamente em todos os países do mundo, que os obrigou à retirada, deixando o campo livre para os comunistas.

Outra cooperação graciosa que muitos órgãos da imprensa prestam à subversão comunista é o amplo noticiário dos assaltos, seqüestros e atos de terrorismo, ações que na sua terminologia os comunistas chamam de “propaganda armada” e cuja finalidade é justamente receber essa vasta publicidade para, através da propaganda dos êxitos obtidos, desmoralizar a lei e a ordem.

A isto se refere J. Bernard Hutton, em “Os Subversivos” dizendo:

“Os inconvenientes causados (pelas bombas colocadas em aviões) eram incalculáveis e redundavam em prejuízo de toda a sorte, mas isso não era suficiente para os terroristas

do ar, que desejavam mais ampla publicidade mundial. Assim, as bombas indiscriminadamente colocadas nos aviões de passageiros, foram substituídas pelos seqüestros aéreos, que proporcionavam ainda maior publicidade.”

1.8 — *Degradação dos valores do Mundo Ocidental:*

Através da larga exploração do erotismo e das drogas, sobretudo, está se processando uma perigosa deterioração moral no âmago da sociedade ocidental. Esse afrouxamento dos costumes, cujo alvo principal é a juventude, constitui outra manifestação da complexa guerra política a que estamos submetidos e que a maioria de nós ignora.

Pode parecer um exagero atribuir também ao MCI a responsabilidade maior por essa situação, tão amplamente difundida no Mundo Ocidental. Não é esta, entretanto, a opinião dos estudiosos do assunto, que documentam fartamente essa atividade como parte da subversão, como passaremos a ver.

Diz J. Bernard Hutton, em “Os Subversivos”:

“Os chefes subversivos profissionais da Rússia e da China trabalham sem cessar para destruir o modo de vida do Ocidente. Com o estímulo do vício de drogas entre as crianças de escola e os jovens, as quinta-colunas vermelhas estão quase conseguindo atingir o seu objetivo. Somente o futuro poderá dizer-nos se a jovem geração conseguirá resistir à corrupção moral espalhada pelo Oriente comunista”.

“Dentro de poucos anos desde o lançamento de sua campanha para destruir as democracias do Ocidente com as drogas, Moscou e Pequim já conseguiram muita coisa. Já ensinaram aos jovens o perigoso brinquedo das drogas”.

“A diretiva (de Moscou) mostrava longas e detalhadas ordens quanto aos melhores métodos para introduzir as drogas nas lutas de classes, como um dos meios para destruir e derrubar o sistema capitalista”.

1.9 — *O cinema político:*

Cooperando eficientemente na deterioração dos valores morais através da disseminação do erotismo e da amoralidade dos padrões de comportamento, o cinema acrescenta a esses ingredientes da subversão a disseminação de mensagens políticas cuidadosamente estudadas e preparadas, em obediência à diretriz de Lenine, assim expressa:

“O cinema é a mais importante de todas as artes...; desmoralize-se a mocidade de um país e a revolução estará vitoriosa.”

Um estudo de profundidade sobre o grave problema do cinema político conduziu à feitura de um relatório, de onde extraímos trechos essenciais:

“O iniciador da utilização do cinema como “arma política” foi Jean Luc-Godard, autor, diretor, produtor e roteirista do cinema francês, para o qual “a arte de fazer cinema é uma ação intelectual engajada, com objetivos revolucionários, os quais, na prática, só se realizam pela violência.”

“Em 1957, quando crítico dos “Cahiers de Cinema” de Paris, Godard preparou um grupo de mais de 40 jovens cineastas, todos dispostos a mudar as estruturas do cinema tradicional; com tal atitude, conseguiu influenciar conhecidos e competentes cineastas europeus e norte-americanos, os quais passaram a imitar, ampliar e até a modificar sua técnica do chamado “cinema novo político”, dentro da linha de mensagens justapostas, subliminares, etc....”

Prosseguindo, o relatório descreve as diversas técnicas usadas por Godard para encaminhar mensagens subversivas, bem como as usadas por outros cineastas que, na França, Estados Unidos, Itália, Inglaterra, Alemanha e diversos outros países, inclusive o Brasil, utilizam técnicas semelhantes para a difusão de mensagens políticas de cunho subversivo.

Entre eles, estão nomes muito conhecidos, como Robert Altman, Sidney Pollack, Pier Paolo Pasolini, Michelangelo Antonioni, Glauber Rocha, Ruy Guerra, Costa Gavras e outros.

1.10 — *Plenitude democrática:*

Periodicamente recrudescem clamores pela "restauração plena da democracia" no Brasil, partida sobretudo de círculos oposicionistas e liberais, coincidindo, porém, com os interesses dissimulados da subversão comunista.

Essa possível liberação do regime brasileiro iria, paulatinamente, pelo afrouxamento gradativo dos instrumentos de segurança, oferecer margens crescentes para a distensão da mola comprimida, que representa as potencialidades reprimidas da subversão. Livres dos freios que a contém, iria adquirindo, passo a passo, a desenvoltura que a caracterizava na fase pré-revolucionária de 1964.

Estudiosos do fenômeno comunista chamam a nossa atenção para o amplo uso que os comunistas sabem fazer das liberdades democráticas.

Referindo-se à "ponta do iceberg vermelho", uma imagem usada para definir a subversão comunista, diz J. Bernard Hutton, em "Os Subversivos":

"Os serviços secretos do Ocidente e da Inglaterra sabem que ela existe, mas nada podem fazer. As leis vigentes, que protegem os direitos dos indivíduos, podem ser pervertidas para proteger os culpados."

Mencionando as dificuldades de Wilson para combater as greves manipuladas pelos comunistas, diz o mesmo autor:

"Embora Wilson citasse comunistas seriamente empênhados em transformar a greve dos marítimos em uma crise nacional, as suas ações não podiam ser legalmente condenadas; embora os seus motivos ocultos fossem fáceis de perceber. Os membros da Câmara, que conheciam a importância dos direitos democráticos, sentiam-se obrigados a garantir os

bastiões da liberdade na Inglaterra, por trás dos quais podiam esconder-se e proteger-se os subversivos".

"Estamos mostrando fatos, e tudo isto já é do conhecimento dos estadistas do Ocidente, que se vêem tolhidos pelas leis que governam suas comunidades livres e bem intencionadas, e que ficam sem saber a que meios recorrer para combater a ameaça".

"O código da civilização das democracias do Ocidente torna as pessoas vulneráveis às táticas não civilizadas adotadas pelos subversivos. O subversivo só pode fomentar a luta industrial porque as democracias respeitam a liberdade de pensamento e permitem que ele espalhe o descontentamento".

Ai está, portanto, uma mostra expressiva dos problemas enfrentados pelas democracias liberais para enfrentar a subversão comunista, devido justamente a essa "plenitude de liberdades" que alguns querem instaurar no Brasil, a título de "redemocratização".

1.11 — *Apropriação da palavra "democracia":*

Aproveitando-se das conotações simpáticas da palavra e do conceito, apropriaram-se os comunistas do termo "democracia", batizando com ele diversos de seus satélites, dentro da confusão semântica que tão bem cultivam. São as chamadas "democracias populares". Já disse Lin Yutang que a maior invenção dos comunistas foi a palavra "povo", em cujo nome tudo pode ser feito. Inclusive, dizemos nós, denominar de democracia ao mais ferrenho dos totalitarismos.

O sofisma que usam é de que o Partido Comunista, partido único, é o legítimo e indiscutível representante das aspirações do povo. Portanto, estando ele no poder, o povo também está, o que daria ao regime a configuração democrática.

Nem a "ponta do iceberg" representada pelas vozes de protesto dos intelectuais dissidentes foi suficiente para abalar esse ardil, mesmo porque é difícil encontrar uma ação

organizada do Ocidente no sentido de desmoralizá-lo, preferindo sofrer o ônus de ter uma de suas mais valiosas bandeiras — a democracia — usurpada pelo maior inimigo desse regime.

2. As manifestações dissimuladas da Guerra Política

2.1 — Infiltração:

Constitui a infiltração um dos recursos mais eficazes e difundidos da guerra política. Através dele, procura o MCI colocar o inimigo dentro de nossas trincheiras. Os comunistas descrevem-na como sendo “a longa marcha através das instituições”, o que é uma conceituação bem expressiva.

A palavra de ordem é infiltrar a imprensa, a igreja, os partidos políticos, a administração pública, enfim todos os órgãos do governo e setores da sociedade, de elementos que possam trabalhar em benefício da causa, ocupando posições chave. Evidentemente, trata-se de elementos que não são conhecidos como comunistas. Ou são criptocomunistas ou pertencem à numerosa “galeria dos auxiliares do comunismo”, na classificação de Suzanne Labin.

Podemos apresentar dois exemplos, um relativamente recente e outro recentíssimo: a infiltração de um agente comunista da RDA — Guillaume — como assessor do então chanceler da Alemanha Ocidental, Willy Brandt, cuja descoberta provocou a renúncia deste último. O segundo exemplo é a prisão de um chefe de redação de um dos jornais locais, como implicado em atividades subversivas.

Procuremos o testemunho dos estudiosos.

Segundo o bispo Alejo Pelypenko em seu livro “Peligro Amarillo en America Latina” (B. Aires — 1965), a infiltração na Igreja processa-se da seguinte maneira:

“Evolução da agressão direta para a indireta, atraindo os católicos para círculos de estudo, despertando-lhes a consciência política e atividade correspondente. Substituição pro-

gressiva do elemento religioso dentro da Igreja, pelo elemento marxista. Fazer os católicos destruírem, por sua conta, as imagens divinas que eles mesmos criaram.”

Em seu livro “O Assalto Pacífico”, diz Douglas Hyde:

“Nos países onde seu funcionamento é legal, o partido (comunista) opera dentro de outras organizações. Infiltra-se nelas, assegura para si as posições de mando e depois procura usar a frente unida pelos processos usuais. A frente unida é o meio de conquistar aliados para o comunismo — utilizando os que ignoram as intenções e os processos comunistas — e de destruir aqueles que se opõem ao comunismo”.

“A preparação da crise final é, de fato, a preparação para a tomada do poder. Isso só poderá ocorrer com o apoio das massas. Assim, usando as reivindicações da frente unida e as táticas da infiltração, esforçam-se por capturar e controlar os sindicatos, as cooperativas e outras organizações das classes proletárias”.

Para o bom êxito da subversão, segundo o mesmo autor, “é preciso que haja um partido comunista amadurecido para impulsionar os líderes nacionais e que estes aceitem de bom grado ser conduzidos. É preciso que haja simpatizantes do comunismo na cúpula governamental”.

J. Bernard Hutton, que estuda o problema com maior extensão e profundidade, diz em sua obra já citada:

“O número de chefes subversivos infiltrados em todos os países do mundo livre constitui uma séria ameaça para todos os regimes democráticos”.

“Os sindicatos, todos os partidos políticos, as igrejas, as organizações sociais e todos os tipos de organizações públicas e particulares, tudo isso foi infiltrado por subversivos clandestinos comunistas, que levam a cabo uma política planejada pelos líderes políticos soviéticos e chineses e que só tem um objetivo: a destruição do mundo livre”.

O autor procura ainda confirmar suas afirmações usando fontes comunistas, entre as quais:

— Diretriz de Stalin, anunciada em reunião dos líderes do Kremlin, em Abril de 1948:

"Logo que derem início às suas atividades, eles (os agentes infiltrados) cortarão todas as suas ligações com o Partido Comunista e passarão a trabalhar para o partido por meios indiretos. Serão convocados para fazer parte de organizações e sociedades burguesas e inimigas do comunismo e da União Soviética.

— Ordem do Instituto 631, dirigido por Suslov, para os subversivos clandestinos na Inglaterra:

"Os camaradas devem infiltrar-se na vida pública e em todas as esferas de atividades políticas."

2.2 — Colocação dos valores econômico-sociais em posição de supremacia, em detrimento dos valores espirituais e morais:

Já observamos antes que, entre as manifestações visíveis da guerra política, está a deterioração dos valores morais e espirituais dentro da sociedade ocidental.

O fato de isto ser fruto de uma atitude calculada, em benefício da enfatização de outros valores, mais convenientes para a condução da guerra política, pode ser considerada uma manifestação dissimulada dessa guerra.

A opinião de Charles Malik a esse respeito, manifestada em seu livro já citado, é a seguinte:

"... em quarenta anos o mundo já se acha real ou parcialmente comunizado, pelo menos no sentido de que os valores econômico-sociais parecem agora superar todos os outros valores."

"Acima de tudo, considere como a interpretação materialista-marxista das coisas invadiu virtualmente todo o pensamento e valor ocidental, todos os que ora falam e pesam como se fossem marxistas, as categorias econômicas e sociais superando agora todas as outras considerações, tais como governo livre, sociedade livre, caráter pessoal, liberdade pessoal, liberdade de pensamento e de consciência e valores intelectuais e morais."

"A fome, a pobreza e a moléstia são tidas como os piores inimigos do gênero humano; na realidade, há outros inimigos muito piores. Quando entrará o Ocidente no plano dos valores fundamentais da liberdade?"

3. O Conceito de Guerra Política

Poderíamos definir a guerra política como sendo o conjunto de atividades, de caráter sobretudo político-psicológico, inserido no quadro mais amplo da guerra revolucionária, cooperando na conquista dos objetivos desta guerra — conquista física e psicológica das populações, como objetivo intermediário, e conquista do poder, como objetivo final, como o uso de meios não violentos e, de preferência, legais.

Já para Suzanne Labin, a Guerra Política se confunde com a própria Guerra Revolucionária, como podemos concluir desta sua definição:

"A guerra política é o conjunto de operações montadas pelo Kremlin fora do campo estritamente militar, ou seja, essencialmente na vida pública de cada povo, para destruir os regimes de liberdade e instaurar a hegemonia do poder absolutista e totalitário encarnado pelo comunismo. Seus principais meios de ação: antes de tudo, a propaganda; depois a infiltração, a corrupção, a sabotagem, as sublevações, a guerrilha, apenas com exceção do engajamento regular de forças armadas soviéticas em uma guerra quente."

Como nas duas conceituações anteriores referimo-nos à Guerra Revolucionária, vejamos como a define um dos maiores estudiosos do assunto, o francês Cmt. Boulnoie:

"A Guerra Revolucionária é uma doutrina de guerra, elaborada por teóricos marxistas-leninistas e explorada por movimentos revolucionários diversos, para se assehnorear do poder, assegurando progressivamente o controle físico e psicológico das populações, com o emprego de técnicas particulares, apoiando-se em uma ideologia e desenvolvendo-se segundo um processo determinado."

É um tipo de guerra que tem o seu clima ideal na "coexistência pacífica", tática comunista habilmente usada para quebrar as resistências do mundo livre.

4. Sistemática da Guerra Política

Para conseguir os objetivos sucessivos da guerra revolucionária, desde a conquista física e psicológica das populações até a tomada do poder, passando pela desagregação das estruturas econômico-sociais dos países visados, usa o MCI uma sistemática, através do emprego de hábeis técnicas, muito peculiares.

Vamos examinar de entre elas, aquelas que se enquadram na nossa definição de guerra política.

Dividem-se elas em dois grupos. Compreende o primeiro aquelas técnicas que visam a destruir a ordem social vigente; são as chamadas técnicas destrutivas. Abrange o segundo grupo aquelas outras técnicas que têm por fim lançar as sementes da nova ordem. São as técnicas construtivas.

É interessante observar que a divisão de tais técnicas em destrutivas e construtivas, esta conceituação expressa por um autor francês em 1957, foi inteiramente confirmada 15 anos depois pelo Instituto Latino Americano da Academia de Moscou, em artigo intitulado "Desenvolvimento do pro-

cesso revolucionário na América Latina", publicado na revista "Latinskaya America" (Jan-Fev 72), onde consta:

"Apoiados na concepção marxista do Estado e da Revolução, chegam os comunistas à conclusão de que as revoluções latino-americanas deverão antes de tudo, *destruir* o mecanismo estatal da burguesia e *construir* um novo tipo de estado." ... "a revolução socialista prefere a queda da velha classe dominante, concomitante com a destruição do sistema capitalista e o início da estruturação de uma nova sociedade. Tudo isso exige o emprego de força revolucionária, indiferentemente se o proletariado e o povo formam o poder por um levante armado ou não." (o caminho armado e o caminho desarmado).

4.1 — *Técnicas destrutivas*:

4.1.1 — DESMEMBRAMENTO — É a técnica que, como o nome diz, visa a desmembrar o antigo organismo social. No quadro da guerra política, conta com dois recursos:

- greves de formas diversas
- resistência passiva

Apesar do papel deletério que o segundo desses recursos representa dentro da força de trabalho, é indubitável que o primeiro, representado pelas greves, tem uma função mais espetacular e generalizada, estendendo-se, de forma explosiva, por quase todos os países do mundo livre.

Vamos, por isso, nos estender um pouco mais sobre elas.

Num documento capturado logo após a revolução de 64, em Mato Grosso, intitulado "Esquema para discussão", constava:

"... no setor operário, tomar todas as providências para preparar a greve geral, em ligação com a luta pelas reformas de base."

Na Inglaterra, entre os vários fatores que contribuem para a preocupação das autoridades, está a "crescente militância dos sindicatos, nos quais o poder verdadeiro passou gradativamente para representantes sindicais que não fazem segredo de sua motivação política; utilização maciça de piquetes e de intimidação durante as freqüentes greves." (Do Relatório Especial do "Institute for the Study of the Conflict").

"O recinto das fábricas é o terreno escolhido pelos comunistas para dar combate à democracia parlamentar, ao domínio da lei e à racionalização das relações industriais." (idem)

"A Câmara está ciente de que o Partido Comunista, ao contrário dos principais partidos políticos, tem montado à sua disposição, um eficiente e disciplinado aparato, que age no setor industrial e é controlado diretamente da sede do partido. Nenhuma greve de maior importância é desencadeada em qualquer lugar deste país, em qualquer setor da indústria, à qual o mencionado aparato deixe de dar a sua devida atenção." ("Os Subversivos")

Fred Schwarz, definindo a greve política, diz:

"Uma greve política não pretende conseguir imediatos e tangíveis benefícios para os trabalhadores, mas destruir o sistema capitalista. A greve política destina-se a minar os alicerces da autoridade, provocando caos, desemprego, fome e medo." (Obra citada)

"O líder do Partido Comunista do Chile colocou a questão da unidade antiimperialista nestes termos: "Greves e ação de massa são a melhor escola de unidade" (Douglas Hyde em "O Assalto Pacífico").

Já Trotsky em 1926, dizia:

"A greve fez da substituição do estado burguês pelo estado proletário uma questão de momento. Se a própria greve não produzir essa mudança, pelo menos torna-la á bem mais próxima..." (idem).

De uma instrução enviada pelo Instituto 631, de Moscou, em março de 1959, ao PC da Inglaterra, constava:

"1. As tendências à greve em todos os ramos das indústrias devem ser exploradas e as greves precipitadas. Não tem importância serem as greves deflagradas pelos sindicatos ou pelos subversivos clandestinos". (de "Os Subversivos").

Outra instrução do mesmo Instituto:

"5. Nunca devem cessar a obstrução e a instigação às greves. Não se deve esquecer que um punhado de operários em posições-chave pode paralisar toda uma indústria." (idem).

De instruções originárias de Pequim, extraímos:

"As greves devem sempre aumentar e as fábricas devem ser completamente paralisadas". "Portanto, devem-se envidar todos os esforços para aumentar as greves até que a maior parte das indústrias seja afetada e que o país se veja à beira da paralização completa". (idem).

"Ken Coates em suas conferências é bem claro acerca dos objetivos do Instituto 631". "O controle pelos trabalhadores começa com uma simples exigência de parte do sindicato para contratar e despedir, saída para o chá, velocidade de trabalho, distribuição de trabalho, etc... A pressão aumenta através de uma série de exigências até o ponto em que toda a sociedade capitalista chega a um beco sem saída. Nesse ponto, então... chega-se a uma situação revolucionária". (idem).

"Os nossos chefes subversivos devem continuar a condicionar o espírito do público inglês por meio de suas redes. O seu exemplo deve ser seguido pelos agentes em todas as outras partes do mundo capitalista. Quanto mais simpatia conseguirmos do público para as greves, tanto maior será a recompensa futura". (idem).

As citações feitas parecem mais do que suficientes para confirmar o papel decisivo que cabe às greves no processo da

guerra política, de acordo com o que, há tantos anos, já diziam os franceses.

4.1.2 — INTIMIDAÇÃO — É esta uma técnica que permite completar e reforçar a do desmembramento. Consiste em neutralizar a ação daqueles que não têm simpatia ou se opõem à causa comunista criando neles a sensação de receio ou de medo. Pode ir desde o simples apodo, chamando de fascistas, nazistas, direitistas, reacionários, etc... os elementos que se opõem à subversão, até os recursos mais drásticos, entre os quais vamos nos limitar àqueles que cabem dentro do quadro da guerra política.

O mais usado e evidente é o de manejo de massas. É um recurso de largo e ostensivo uso pela subversão, com notório potencial de intimidação sobre os assistentes de tais demonstrações.

Já em 1964, no mesmo documento capturado antes citado, constava:

"7. A campanha deve ser essencialmente de ações de massas. É necessário preparar e realizar comícios, passeatas, demonstrações de massas de toda a ordem, principalmente de massas operárias e camponesas".

Mesmo depois disto, já em pleno regime revolucionário, ao menor sinal de distensão política, no ano de 1968, vimos ressurgirem as passeatas de inspiração política, cujo recrudescimento obrigou o governo a medidas repressivas adequadas.

A respeito desta técnica, diz Fred Schwarz na obra citada:

"A verdadeira estratégia comunista (na Inglaterra) consistia em descobrir um item vital para as grandes massas, fixar-se nele e de reunir em torno dele um grupo popular numeroso. A prova de sua capacidade comunicante seria fornecida pela habilidade demonstrada em dirigir as pessoas assim arregimentadas no sentido dos interesses últimos do comunismo".

Douglas Hyde, citando Lenine, escreve:

"A revolução socialista na Europa não pode ser outra coisa senão uma explosão da luta de massas, em que intervêm todos os elementos oprimidos e descontentes". (Obra citada).

Seguindo-se a um processo de infiltração profunda no Paquistão, graves acontecimentos ali tiveram lugar em maio-junho de 1971:

"Foi assim que Moscou e Pequim espalharam a confusão e o terror no Paquistão. Foi uma explosão de paixão, de fanatismo e de emoções descontroladas. As massas são sempre presas fáceis em ocasiões como essas e os subversivos conhecem muito bem tais fraquezas humanas". ("Os Subversivos")

E finalmente, a atualidade desta técnica pode ser confirmada na citação do trabalho mais recente, publicado em 1972 na "Latinskaya América", já antes citada:

"Como única e acertada política revolucionária aparece sempre e sob todas as circunstâncias, a mobilização das massas".

4.1.3 — DESMORALIZAÇÃO — Consiste esta técnica em procurar a desmoralização das autoridades políticas, policiais e militares, negando-lhes sistematicamente as vitórias e os acertos e ampliando e exagerando as inevitáveis falhas e desacertos, procurando criar o ceticismo e a descrença em relação às suas iniciativas e a dúvida quanto à sua boa fé. Quando essa técnica pode ser usada em sua plenitude, com irrestrito uso dos meios de comunicação de massa, em pouco tempo os próprios agentes do poder, atingidos pelo peso da pressão psicológica, perdem suas convicções e começam eles próprios a duvidar do valor daquilo que executam.

A ênfase maior se exerce na exacerbção das chamadas "contradições internas", apontando exclusivamente falhas e deficiências, com absoluta exclusão dos aspectos positivos, conforme já vimos.

4.2 — *Técnicas construtivas:*

4.2.1 — SELEÇÃO E FORMAÇÃO — Esta técnica é uma das maiores responsáveis pelo segredo da força das minorias comunistas. O primeiro passo consiste em procurar elementos ativos e dinâmicos, com qualidades de liderança em seus diversos aspectos (oradores, propagandistas, especialistas em determinados ambientes, etc. . . .)

Depois de convertê-los para a causa, através de hábil e paciente trabalho de proselitismo, trata-se de dar-lhes uma formação que os habilite para agir profissionalmente na execução das tarefas subversivas que lhes competem. Daí a razão de sua eficiência: são poucos, mas selecionados e preparados para a sua missão.

A prática de formação dos quadros, anunciada por estudiosos franceses em trabalhos publicados nos anos 50, vieram a ser confirmadas em documento capturado em Campo Grande, em 1964, logo após a revolução.

Em uma carta dirigida aos “caros Camaradas” do Comitê Estadual do PCB, dando instruções para um encontro de Educação que seria realizado no Rio, constava o seguinte:

“No trabalho de Educação — Balanço do trabalho realizado. Número de cursos regulares (curso básico, curso médio, ciclo de palestras); número de alunos, resultados, iniciativas, experiências, observações críticas e sugestões, continuidade e seqüência dos cursos e ciclos de palestras e programação do ano escolar. Formação de equipes de professores”.

Também Fred Schwarz confirma o uso dessas técnicas, quando diz na obra citada:

“O sucesso do Partido Comunista deve-se às atividades incessantes da organização leninista. O critério preliminar é o recrutamento de uma elite intelectual destinada a constituir o cerne do partido. Não lhes interessa a adesão de grandes massas de gente. A idéia consiste na conquista das massas por minoria dedicada e disciplinada, armada de saber e organização superiores”.

Referindo-se aos Festivais Mundiais da Juventude, diz Douglas Hyde em seu já citado livro:

"Nos festivais, eles (os jovens ocidentais) se convertem em alvo de tratamento especial. Os milhares de comunistas procedentes dos países do bloco comunista e do mundo livre vêm-nos como lutadores potenciais das ativas frentes de combate ao imperialismo. Envidam-se, portanto, todos os esforços visando a influenciá-los e, se possível, recrutá-los para a Liga da Juventude Comunista ou para o Partido Comunista. Os que se mostram receptivos a esse trabalho, recebem muitas vezes alguma instrução em liderança e entram em contato com as formas públicas ou secretas de atividade, mais adequadas aos países de origem".

Em reunião dos líderes do Kremlin em 1948, Stalin anunciaava:

"Essa rede (de subversivos) será composta de homens e mulheres competentes e inteligentes, escolhidos por suas qualidades". (De "Os Subversivos")

"Foram logo tomadas as providências para o treino dos subversivos clandestinos que iriam se infiltrar nas democracias ocidentais, onde provocariam distúrbios e estimulariam condições revolucionárias". (idem)

Ainda em 1948, implementando a diretriz de Stalin, o Instituto 631 enviou suas primeiras instruções aos chefes do P. C. do mundo inteiro, onde constava:

"Os líderes de todos os partidos comunistas devem selecionar camaradas de toda a confiança para o serviço de subversão clandestina desligado do Partido Comunista. É essencial que os camaradas escolhidos cortem todas as suas ligações com o Partido. É conveniente que passem a ser vistos como adversários do partido e de suas ideologias."

As mesmas instruções mostravam em detalhes mínimos, como deveriam ser organizadas as escolas secretas para o treinamento dos subversivos."

"Centros de treinamento dessa espécie foram estabelecidos em todos os outros países do mundo capitalista." (idem)

4.2.2 — SEMEADURA — É a técnica complementar da anterior. Consiste em distribuir os quadros selecionados e formados pelos diversos pontos do país, designando-os para trabalhos nas diversas organizações onde há necessidade de reforçar o trabalho de subversão.

4.2.3 — IMPREGNAÇÃO PSICOLOGICA — Esta é a técnica que permite a conquista psicológica das populações, um dos objetivos intermediários da Guerra Revolucionária. Estudiosos franceses assim a descrevem:

"Para dar ânimo a uma população indiferente e catequizá-la, há necessidade de empregar os últimos recursos da psicologia experimental. Esta técnica consiste na criação de estímulos e lançamentos de "slogans" adaptados à situação, na repetição incessante das mesmas afirmativas, no repassar sistemático dos mesmos fatos por todos os meios de difusão."

É evidente, pois, que a técnica só funciona quando os subversivos dispõem dos meios de comunicação de massa, infiltrados e livres de censura.

Fred Schwarz, referindo-se a esta técnica, diz:

"O processo de doutrinamento pela repetição, de preferência ao arrazoamento, é freqüentemente chamado de "lavagem cerebral". Os comunistas são também adeptos desse último sistema. Inventam uma mentira; repetem-na com insistência e a maioria das pessoas acredita nela."

4.2.4 — ENQUADRAMENTO — Enquanto a técnica anterior permitia a conquista psicológica, esta permite a conquista física das populações, outro importante objetivo intermediário da guerra revolucionária. E isto se realiza através do controle gradativo das associações de classe, diretórios estudantis, sindicatos e todos os órgãos semelhantes que dirigem e centralizam a ação de massas de empregados e estudantes, bem como de outros grupos sociais expressivos.

Esta tarefa é muito facilitada, de um lado pela preparação de líderes habilitados, como já vimos; de outro, pelo natural comodismo dos não-comunistas.

Dominando tais entidades, fica o PC habilitado a manejá-las a seu talento, promovendo greves, passeatas e agitações de toda a ordem, começando com motivações aparentemente justas, mas que seguem num crescendo de exigências e terminam em agitação pura e simples, a serviço da subversão.

A técnica da impregnação psicológica permite criar nas massas assim manejadas, o indispensável estado de excitação.

Referindo-se aos programas do PC para a conquista do poder, diz Fred Schwarz:

"Com a infiltração nos sindicatos, os comunistas se aposariam de seu poder administrador. Declarariam, então, uma greve industrial, que evoluiria em greve política, em greve geral e, finalmente, em greve revolucionária, transformando-se em insurreição armada e passando à tomada do poder."

Fred Schwarz, cita, em seguida, Lenine, para mostrar a importância que este dava ao enquadramento dos sindicatos:

"Precisamos estar capacitados para suportar tudo isto, concordar com todo e qualquer sacrifício e até, se necessário, a recorrer a vários estratagemas, artifícios, métodos ilícitos, evasivas e subterfúgios, simplesmente para ingressarmos nos sindicatos, permanecermos neles e levarmos a cabo, em seu seio, o trabalho comunista, a todo o custo." (idem)

Douglas Hyde, focalizando o mesmo assunto, diz:

"A preparação da crise final (do capitalismo) é, de fato, a preparação para a tomada do poder. Isso só poderá ocorrer com o apoio das massas. Assim, usando as reivindicações da frente unida e as táticas de infiltração, esforçam-se (os comunistas) por capturar e controlar os sindicatos, as cooperativas e outras organizações das classes proletárias." (de "O Assalto Pacífico")

J. Bernard Hutton, após descrever os imensos prejuízos causados na Inglaterra pela onda de greves — e nós sabemos, inclusive, que elas motivaram recentemente a queda de um gabinete conservador — faz a seguinte advertência:

“Ninguém mais pode duvidar da imensa influência dos subversivos dentro dos sindicatos. Será que os dirigentes dos sindicatos encontrarão meios de combater o inimigo infiltrado em suas organizações? Será que a influência dos subversivos levará ao desastre os sindicatos e seus clientes? Se a indústria entrar em colapso e vier o desemprego, os indicatos partilharão da sorte das indústrias.” (de “Os Subversivos”)

O controle físico obtido através da técnica de enquadramento atinge sua eficiência máxima nos países comunistas ou nas áreas dominadas por eles. Um exemplo do primeiro caso nos é apresentado pelo mesmo autor:

“Todos os organizadores do Partido no imenso território da URSS têm ordens permanentes para informar tudo a respeito da vida privada de todos os camaradas, seus parentes, amigos e conhecidos: seus hábitos, manias e todos os detalhes que possam contribuir para lançar luz sobre seu caráter e modo de vida fora do partido.”

David Galula, em “Teoria e Prática da Contra-Rebelião”, nos mostra como funciona o enquadramento nas áreas dominadas; descreve o estrito controle físico das populações dominadas, através da rede de controle constituída pelas hierarquias paralelas, dentro do modelo ortodoxo da guerra revolucionária comunista.

Terminamos, assim, de apresentar algumas das técnicas mais expressivas, dentro da sistemática da guerra política comunista.

5. Resultados

Cabe agora uma pergunta: se as técnicas da guerra política estão em uso há tanto tempo, só será possível julgar de sua eficiência através dos resultados obtidos. Alguns des-

ses resultados já vimos, ao examinar as manifestações da guerra política, no inicio deste trabalho. Que outras evidências poderiam ser apontadas?

Ninguém melhor do que Suzanne Labin, grande estudiosa da guerra política, para nos responder a esta pergunta. Vamos procurar resumir o que ela diz em seu opúsculo "Guerra Política" a respeito dos êxitos já obtidos pelos soviéticos, graças à guerra política:

"De alguns anos para cá, o mundo livre não cessa de perder posições em toda a parte. Para perceber, de um só golpe, quanto é falsa a idéia de que o Ocidente deve se resguardar principalmente pelas armas, é suficiente assinalar que nenhuma dessas posições foi perdida pela falta de mísseis em nosso arsenal. Perdemos todas, isso sim, porque faltava clarividência em nossas cabeças e vontade em nossos corações, ante a guerra política soviética.

As sementes da propaganda já renderam aos soviéticos uma extraordinária colheita de vantagens territoriais e estratégicas que até pouco tempo não se podiam obter senão pelas armas. De fato, a quase totalidade de suas conquistas foi alcançada, não pelos canhões, mas pela intoxicação dos espíritos democráticos. A fulminante expansão que se seguiu à última guerra resultou de concessões feitas pelos aliados em Ialta. Ora, essas concessões teriam sido inconcebíveis se os aliados tivessem visto no regime stalinista um despotismo tão detestável quanto o de Hitler. Só o fato de Roosevelt ter acreditado que o regime stalinista tinha não se sabe que parentesco com os valores pelos quais as democracias haviam combatido, indenizou largamente o Kremlin, em um só dia, pelos milhares de rublos que investira em vários lustros para espalhar essa ilusão.

A China sucumbiu porque os Estados Unidos abandonaram-na a Mao Tse Tung. E abandonaram-na por darem crédito à imensa literatura hipnótica, difundida pelos "criptocomunistas" para fazer crer que Mao era, não um comunista, mas um bravo reformador agrário".

"A Ásia e a América Latina estão sofrendo uma investida tal que já se vê o dia em que esses dois continentes cairão como frutas maduras, sem que um único soviético ali tenha posto o pé, mas, unicamente, pela infiltração para-comunista, que está invadindo tudo, desde os campos até os palácios de governo. De norte a sul e do levante ao poente, são os comitês, e não os misseis, que abrem o caminho para o Kremlin".

E continua a autora citando os exemplos do insucesso da viagem de Eisenhower a Tóquio, por pressão comunista; a forte inclinação do Laos para o campo comunista; a passagem do Iraque para o filo-sovietismo; a transformação da Guiné, Gana e Sudão em satélites comunistas".

Mais adiante, a título de advertência diz:

"O equilíbrio do terror entre as ogivas atômicas e seus foguetes está, a grosso modo, realizado. Pois, é justamente esse resultado feliz que faz com que a partida não se jogue nesse campo. Ela será jogada no campo da guerra política, com as armas da propaganda, da infiltração, do solapamento e da conspiração. E, nesse setor, o mundo livre continua cego, surdo e mudo".

E prossegue:

"Para segurança do mundo livre, o rendimento do "dólar para o espírito", que permite esclarecer os cérebros, é mil vezes maior que o do "dólar para o aço" que não arma senão os braços. *E de que serve armar os braços e deixar, passivamente, o inimigo desarmar os cérebros?*"

6. Alerta ao Mundo Livre

Em diversos dos itens anteriores está implícito um chamarido às consciências democráticas para que façam alguma coisa no sentido de deter a avassaladora guerra política que lhes é imposta pelo MCI.

Tais providências, mesmo encaradas apenas do ângulo defensivo, impõem um sério dilema às democracias, que muitas delas têm tido imensa dificuldade em superar. O dilema é este:

— Continuar mantendo a sua forma liberal, que oferece todas as facilidades às artimanhas da guerra política comunista? E neste caso, como conter as atividades crescentes da subversão?

Ou dizendo de outro modo:

— Reduzir a amplitude das liberdades democráticas, para evitar que se transformem em armas gratuitamente oferecidas aos subversivos para a destruição do regime? E neste outro caso, até que ponto fazê-lo sem comprometer os próprios fundamentos básicos da democracia?

Este é um sério desafio que se oferece à criatividade de nossos políticos e juristas. Permitirá a sua solução estabelecer a grande diferença entre as democracias vigilantes e as displicentes.

E preciso dar atenção às advertências de tantos estudiosos do fenômeno comunista, como J. Bernard Hutton quando diz:

"As provas de sua existência (da subversão) são abundantes, mas ainda assim é difícil convencer a maioria das pessoas que a conspiração está a caminho". "Os avisos ao público só têm valor quando são atendidos, mas a história mostra como é difícil alertar o público para o perigo que se aproxima. A ameaça da quinta-coluna vermelha é difícil de ser provada e um público já bombardeado pelo rádio e pela televisão torna-se cético por natureza. Muitos recusam acreditar que seja possível uma conspiração vermelha de âmbito mundial".

"Na Inglaterra e nos Estados Unidos os subversivos contam muito com as liberdades democráticas que a lei garante a todos os cidadãos". "Os provocadores podem criar casos,

fomentar o descontentamento, inflamar os ânimos e paralisar indústrias inteiras, tudo isso sem infringir a lei".

No mesmo sentido, afirma David Galula, em "Contrarebelião":

"Se os rebeldes, embora identificados e presos, aproveitam-se das muitas salvaguardas estabelecidas no sistema judiciário e são libertados, pouco pode a política fazer. A pronta adaptação do sistema judiciário às condições de exceção de uma rebelião, na melhor das hipóteses um problema agonizante, é uma necessidade".

Enquanto muitos discutem sobre a necessidade de "redemocratizar" o país, voltar ao estado de direito e à plenitude de liberdades, tudo isto em nome da democracia, parecem esquecer um problema muito mais sério, que é a sobrevivência dessa mesma democracia, que seria imensamente dificultada com a vitória de muitas das teses que defendem.

A razão do que afirmamos parece-nos ter ficado muito clara após a exposição que acabamos de fazer sobre as artimanhas da guerra política, através da qual busca o MCI, com o emprego de hábeis técnicas, desmenbrar, desorganizar, desmoralizar os países do mundo livre, utilizando-se das facilidades que eles oferecem à ampla aplicação das referidas técnicas, pelo seu caráter liberal e, nas circunstâncias, suicida.

Vamos concluir. E para isso, nada mais adequado do que relembrar a sábia advertência de Georges Albertini:

"O Ocidente tem que se adaptar à guerra política, ou perecerá. Por que não conseguirá superar suas desvantagens iniciais? Por que não se capacitará da novidade fundamental do problema com que se defronta? E por que não saberia formular a política que permitiria resolvê-lo? Grande Deus! O Ocidente já deu provas tangíveis de sua capacidade de adaptação, que é, provavelmente, uma de suas indiscutíveis superioridades sobre o mundo que se lhe opõe, enquadrado

por velhas ideologias e rígidas estruturas. No setor econômico, por exemplo, a democracia ocidental era liberal. Entretanto, duas guerras mundiais, algumas crises e os problemas criados por umas e outras, levaram-na a tornar-se intervencionista, a introduzir no próprio organismo do capitalismo uma tal dose de socialismo prático que os socialistas ortodoxos ficam, por vezes, sem palavras diante das transformações, ao verificarem que a revolução está feita e a se perguntarem o que é que resta ser realizado do velho programa de 1890. E, no entanto, essa Democracia Ocidental em nada renegou sua característica fundamental: o respeito às liberdades".

"Se um dia já homem feito e realizado, sentires que a terra cede aos teus pés, que as tuas obras se desmoronam, que não há ninguém à tua volta para te estender a mão, esquece a tua maturidade, passa pela tua mocidade, volta à tua infância e balbucia entre lágrimas e esperanças as últimas palavras que sempre te restarão na alma: MINHA MÃE, MEU PAI!"

RUI BARBOSA

Desenvolvimento e Subdesenvolvimento

Gen Div R/1
OBINO ALVARES

"As grandes diferenças entre países, tanto no que concerne aos níveis econômicos atuais, quanto às taxas correntes de desenvolvimento e às taxas de desenvolvimento em períodos diferentes no passado próximo, não invalidam as seguintes generalizações em termos amplos:

- a. que há um grupo pequeno de países prósperos e um grupo muito grande de países extremamente pobres;
- b. que, em geral, os países do primeiro grupo se encontram em processo de desenvolvimento econômico contínuo, enquanto que no segundo, o processo médio é mais lento, um vez que muitos países estão sob ameaça permanente de não poderem sair da estagnação e até mesmo de retrogradarem;
- c. que, de modo geral, nas últimas décadas, as desigualdades econômicas entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos têm aumentado." Gunnar Myrdal: Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas.

Correndo os mesmos riscos e cometendo erros idênticos aos de numerosos "sociólogos", que preenchem os vazios da história do Homem, com imaginação e audácia, podemos

intuir sobre a organização de sua economia. Mesmo antes dos registros escritos ou de tradição oral, podemos imaginar e interpolar dados com toda a aparência de racionalidade.

Parece lógico, por exemplo, admitir que desde o estágio mais primitivo da humanidade, o instinto de sobrevivência haja levado o Homem a utilizar com eficácia crescente, em seu proveito, todos os elementos que a Natureza lhe oferecia, como também o tivesse levado, em uma etapa mais avançada, a prever o problema da subsistência em dias futuros, por forma a organizar e disciplinar um dos setores essenciais da vida da espécie: sua economia.

Provavelmente, uma história de milênios de lutas contra o ambiente hostil e de continuada e vital preocupação, haja desempenhado papel de mais alta importância na organização e evolução da sociedade humana, como hoje é conhecida. Teríamos desenvolvido por esse caminho, mesmo nos primórdios de tal sociedade, uma arte política que compatibilizasse as aspirações de cada um, com os interesses do grupo e que ajustasse as necessidades materiais de sobrevivência, as disponibilidades dos recursos para satisfazê-las.

Contudo, somente a História Moderna, e, principalmente a História Contemporânea, viria a revelar, com extrema agudeza, a importância desse fenômeno de adaptação e ajustamento. Talvez possamos associar a utilização da máquina a vapor à crescente preocupação da arte política com os fatos da economia.

Em 1778, Adam Smith publica "An Inquiry Into the Nature and Course of Wealthy of Nations". Historicamente, como parece, é a partir desse ano que a Riqueza das Nações entrou no rol de nossos principais cuidados. Entre esse marco e nossos dias, um grupo numeroso de pesquisadores e estudiosos desenvolveram a idéia de como promover o crescimento econômico. Durante os últimos séculos, um "apaiixonado" cientificismo, com toda a marca de fábrica do século XIX deu oportunidades aos Malthus, aos Darwins e aos Marxs, de criarem perspectivas apocalípticas, elaborarem

teorias fatalistas e organizarem utopias, sempre influenciados pela sobrevivência ou condicionados pela Economia.

As expectativas sombrias que eles fizeram e continuam fazendo não se tem realizado, mas os resíduos perenes de suas idéias permitiram que historiadores, especialistas e críticos da Economia propusessem:

- inicialmente, uma Economia Política, isto é, uma arte de manejar a política econômica de modo a criar a riqueza;
- mais tarde uma Ciência Econômica, de existência duvidosa, com roupagem de precisão matemática, para dar-lhe características de conhecimento perfeito, de ciência independente pronta e definida;
- posteriormente, uma renascida Economia Política, uma renovada arte de dirigir os trabalhos que redundem na criação da riqueza, quando perdemos a confiança na Ciência Econômica.

Nesta segunda metade do Século XX agravaram-se nossas condições de sobrevivência ou, pelo menos, passamos a vê-las agravadas. De um lado, o progresso técnico acelerado passou a consumir os recursos naturais disponíveis, num ritmo cada vez mais rápido, ameaçando a muitos deles de exaustão. De outro lado, o explosivo aumento de população, com uma grande percentagem confinada nos grandes centros urbanos, as modernas megalópolis, apresentando necessidades cada vez mais numerosas. Como resíduo marginal desses fenômenos, devemos assinalar a crescente degradação da vida do ser humano, pelo mau uso daqueles recursos.

Tais circunstâncias criaram uma sensação de insegurança tão intensa, que grande número de pessoas, nas cidades modernas, se sentem encurraladas e buscam a fuga por intermédio da rebelião e das drogas. Some-se a elas o conflito ideológico de que somos testemunhas, dividindo a sociedade

dos homens em dois pólos antagônicos, coroando a tragédia de nossos dias com a instituição do culto ao ódio e à violência política.

Dentro desse esboço podemos visualizar a condição humana segundo os termos de Gunnar Myrdal, citados no preâmbulo deste trabalho. O progresso — o crescimento ou desenvolvimento econômico — passou a constituir ele próprio, a condição *sine qua non* da sobrevivência. Não mais dos indivíduos tomados isoladamente, mas das próprias sociedades nacionais, quando os poucos países ricos se sentem ameaçados pelo fantasma da fome mundial. A longa relação de títulos sobre o assunto mostra uma literatura que revive as profecias de Malthus e bem pode ser representada pela obra de L. J. Lebret: *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente*.

As fortes tintas desse quadro levam-nos a questionar sobre as funções do Estado e a indagar do papel que nele hão de desempenhar as elites nas várias nações. Tomando o Homem como objeto e beneficiário da ação política, fazemo-nos as seguintes indagações:

- quais são as obrigações do Estado?
- que direitos naturais têm os indivíduos?
- há condições objetivas para a igualdade?

Por incrível que pareça, após mais de dois séculos de pregação materialista, teimamos em considerar o homem, na cadeia dos organismos vivos, como sua única exceção. Aceitamos que a vida seja um permanente desafio pela sobrevivência; que a luta leve o maior a digerir o menor; que por via de seleção natural, apenas os indivíduos mais aptos de cada espécie tenham chances de perpetuação. Todavia, não aplicamos esses conceitos à sociedade moderna. Criamos uma ética social, que é justamente o contrário de tudo isso. Consequentemente vemos a ciência prolongar a vida das criaturas muito além da expectativa de poucas décadas atrás; vendo-la lutar com sucesso acentuado para diminuir o número de mortes prematuras; testemunhamos as invenções, os tra-

tamentos e os processos pedagógicos criados para adaptar desajustados mentais, criaturas mutiladas, pessoas anormais, etc., evitando todos os esforços para o incremento de uma população cujo crescimento é por muitos considerado catastrófico ...

O conjunto das multidões, que vivem ou vegetam em todos os quadrantes do planeta, é constituído de criaturas desiguais, física, intelectual e emocionalmente. No entanto tentamos convencê-las de seu igual direito a todos os bens da sociedade, segundo o melhor padrão, levando à sua compreensão toda uma excelência da vida altamente sofisticada normalmente acessível às pessoas ricas. Criamos, enfim, tais expectativas de vida, com os mais diversos propósitos — sentimentais, pragmáticos, ou utópicos, não importa — que acabamos por transformar centenas de milhões de pessoas em explosivas massas de contestação, presentes dia-a-dia, na porta do Estado, cobrando um quinhão de direitos cada vez maior.

De arcabouço da sociedade, como era no passado, o Estado se transformou num órgão tutelar, paternal, fonte e origem de toda a segurança, cbrigando-se a prover a maioria das necessidades humanas sob pena de levar a vida coletiva ao caos. Por esse motivo todos os Países vêm-se a braços com planos de desenvolvimento econômico, lutando por mais PNB, mais alta renda "per capita", mais rica qualidade de vida e assim por diante.

Mais uma vez estamos, pois, às voltas com a indagação de Adam Smith: como aumentar a riqueza das nações? Desde 1778 até hoje não esmorecemos no propósito de conhecer um fenômeno social complexo como é a economia da sociedade moderna.

Temos sintetizado alguns princípios e regras; temos mesmo exercido um domínio relativo sobre fatos dessa natureza; temos criado muitas teorias econômicas e consequentes teorias de desenvolvimento. Longe estamos, todavia, de uma verdadeira ciência, de um conjunto preciso de leis que nos

oriente com segurança, para incrementarmos a riqueza e a prosperidade geral.

Assim, torna-se tarefa muito árdua promover o desenvolvimento das nações pobres, nelas incluído nosso País, com o mínimo de riscos e desperdícios, por forma a assegurar a harmonia social, isto é, o bem-estar e a ordem.

O pós-guerra oferece-nos uns poucos exemplos de criação de riqueza bem sucedidos, notadamente no âmbito da economia capitalista. Dentro elas podem ser destacados para estudo dois casos de criação exponencial de riqueza, a partir de uma situação desfavorável: Alemanha e Japão.

São duas nações situadas em meridianos quase opostos, de raças diferentes, tradições e costumes distintos, moral, social e cultura diversificadas. Dois povos de grande coesão interna e acentuada disciplina coletiva. Povos derrotados na guerra, com economia adiantada mas com seus sistemas de produção desmantelados ou destruídos nas operações militares. Dois povos que dispõem de grande população e fracos recursos naturais, ambos fortemente motivados para os trabalhos de recuperação.

Em duas décadas, a Alemanha e o Japão se reergueram com tal potencialidade que hoje ameaçam a liderança dos EUA e da URSS em produtividade e riqueza.

Isolando o Japão para uma análise mais aprofundada poderemos avaliar a natureza, a quantidade e a qualidade dos ingredientes envolvidos no conceito de "milagre japonês". São cerca de 100 milhões de pessoas, habitantes de um arquipélago montanhoso de pequena superfície, com área agriculável menor ainda; sem carvão, ferro ou petróleo, elementos considerados fundamentais para o poderio da indústria, país ocupado, mas gozando de largo apoio da potência ocupante, o Japão, no espaço de 20 anos, empregando uma pesada parcela de seu PNB em investimentos, reconstruiu sua economia e passou a disputar o mercado mundial com produtos da mais avançada tecnologia.

Bem examinado o fenômeno japonês podemos aceitar que tenham sido causas de seu bom sucesso os seguintes fatores:

- alto nível de instrução dada a seu povo;
- inclinação para a pesquisa e para a técnica;
- grande coesão interna;
- notável disciplina social;
- orgulho nacional em desafio face à derrota militar;
- forte apoio financeiro e técnico dos EUA;
- organização e administração exemplares;
- elites dirigentes de grande gabarito;
- trabalho intenso de quase um século;
- espírito de sacrifício de três gerações, que abriram mão do bem-estar em benefício do progresso.

Como se vê desta análise, o desenvolvimento é sobretudo uma questão política e menos, um problema estritamente econômico.

É evidente que não se poderiam dispensar as técnicas peculiares ao campo da Economia, para a promoção do desenvolvimento. Entretanto, só elas não seriam o bastante, nem mesmo o essencial. Basta dizer que uma sociedade que gozasse das condições dos primeiros fatores acima e de mediocre apoio das demais condições, provavelmente alcançaria um nível de desenvolvimento mais significativo que uma outra, em que as condições fossem invertidas, isto é, onde se dispusessem apenas de forte apoio financeiro ou técnico, boa organização e administração, elites dirigentes de grande gabarito e trabalho intenso de quase um século.

Esses parecem ser os componentes de sucesso econômico e social, presentes em maior ou menor grau, na história dos países ricos; do mesmo modo que estão quase todos ausentes na história dos povos subdesenvolvidos.

Bicentenário da Conquista do Forte São Martinho no Rio Grande do Sul

Ten Cel Eng QEMA
CLAUDIO MOREIRA BENTO

Faz 200 anos, cerca de 2/3 partes do atual território do Rio Grande do Sul, estavam em poder dos espanhóis. Isto, consequência das invasões empreendidas, a partir de Buenos Aires, em 1763 e 1773, respectivamente, pelos governadores daquela praça, generais D. Pedro Ceballos e Vertiz y Salcedo. A contra-ofensiva luso-brasileira, para a retomada do território rio-grandense ocupado, teve inicio com a conquista e arrasamento do Forte São Martinho, em 31 de outubro de 1775, próximo da atual cidade de Santa Maria. Comandou o ataque de conquista "a intrépida e legendária espada continental" — Major Rafael Pinto Bandeira. Após ele seria o primeiro filho do Rio Grande do Sul a governá-lo, da Vila de Rio Grande e de sua estância do Pardo, em Pelotas atual. Deste local por cerca de 18 anos, Rafael exerceu o comando da Fronteira do Rio Grande, cuja área de jurisdição, coincide em princípio, com a da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada sediada em Pelotas. Por esta razão, historicamente, pode ser considerado o fundador e primeiro comandante dessa Grande Unidade de nosso Exército.

Situação militar do Rio Grande do Sul em 1775

Os luso-brasileiros, após ingentes esforços, concentraram no Rio Grande do Sul uma poderosa força de 6.717 homens. Dita força, denominada Exército do Sul, era constituída, na maior parte, de tropas enviadas de Portugal, Rio

de Janeiro, de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina. Do Rio Grande computava-se, basicamente, o Regimento de Dragões de Rio Pardo e um punhado de bravos milicianos rio-grandenses. *O Exército do Sul* cuja concentração no RGS teve inicio em 1774, articulou-se nos seguintes locais: São José do Norte, Porto Alegre e Rio Pardo e, em diversos pontos entre os dois últimos locais, junto ao Jacuí, o grosso do Exército estacionou em barracas de palha em São José do Norte, ao comando do Tenente-Coronel João Henrique Böhn, representantes do Conde de Lippe no Brasil, para reformas contratadas por Portugal em nosso Exército Colonial e a mais alta patente militar na Colônia. Em Rio Pardo estacionou mais de um milhar de homens ao comando do Governador do Rio Grande — Brigadeiro José Marcelino de Figueiredo, já consagrado herói na luta contra os espanhóis. Na Campanha, com suas bases de guerrilhas nas serras dos Tapes (Município de Canguçu atual) e do Herval (Município de Encruzilhada atual), atuavam forças de guerrilhas. Constituídas de estancieiros e sua gente estabelecidos nessas áreas antes da invasão espanhola de 1763, eram enquadradas por alguns oficiais dos Dragões de Rio Pardo. No espaço compreendido entre o rio Camaquã ao N, rio Negro ao W e parte da Lagoa dos Patos, Canal São Gonçalo e Lagoa Mirim a E, sem limites para o Sul, atuavam as guerrilhas com bases no município de Canguçu atual, ao comando de Rafael Pinto Bandeira.

Ditas guerrilhas tinham as seguintes missões:

- Buscar informações militares para o *Exército do Sul* em Rio Grande e Rio Pardo, sobre os movimentos e intenções inimigas, até as imediações de Colônia do Sacramento, Montevidéu e Maldonado.
- Vigiar os principais passos do Canal São Gonçalo e dos rios Camaquã, Jacuí e Piratini, para prevenir um ataque inimigo sobre Rio Pardo, proveniente das seguintes direções: Vila de Rio Grande, Forte de Santa

Tecla e Forte de São Martinho, bases militares espanholas no território rio-grandense ocupado.

- Levar a efeito *arreadas*, para retirar dos tradicionais caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul, gado vacum e cavalar selvagens ou *chimarrões*, passíveis de serem usados pelo invasor para alimentação e transporte de seu Exército. Ditas arreadas, operação tipicamente militar oficial, visavam também, desestimular o estabelecimento de estancieiros espanhóis no território rio-grandense ocupado, bem como hostilizar, de variadas formas, as estâncias e patrulhas espanholas em território inimigo. O produto das arreadas era dividido entre a tropa que a realizava e o Governo Português.

Os espanhóis possuíam contingentes militares na Vila de Rio Grande, no Forte de Santa Tecla (próximo a Bagé atual), no Forte São Martinho e junto ao canal São Gonçalo, de frente Pelotas atual. O Forte de São Martinho constituía séria ameaça de flanco ao Forte de Rio Pardo, como base de partida e apoio para uma invasão proveniente das Missões.

O Forte de São Martinho

O acesso luso-brasileiro ao Forte de São Martinho dependia de uma longa picada em aclive e serpenteante, aberta na mata densa e que não permitia o desdobramento de uma força atacante além de duas colunas a pé. Após a travessia da mata densa, a picada desembocava num campestre. Neste local os espanhóis erigiram São Martinho e uma bateria isolada artilhada com um pequeno canhão, colocada de molde a cruzar fogos com os do forte, sobre qualquer força atacante que desembocasse no campestre. Distante uma légua do forte, em ponto obrigatório de passagem na picada, existia uma guarda avançada com comandamento de vistas e fogos sobre grande extensão da picada para o sul. O judicioso aproveita-

mento militar do terreno pelos espanhóis, tornava suicida qualquer operação militar luso-brasileira que tentasse investir São Martinho frontalmente. O nome Santa Maria da Boca do Monte deve-se à entrada dessa picada na mata. Monte, em espanhol, significa mato e não uma elevação. Fortanto, seria mais certo dizer-se — Santa Maria da Boca do Mato.

Abordagem pela retaguarda

Consciente da impossibilidade de um ataque frontal, Pinto Bandeira decidiu pela abertura de uma extensa picada na mata que conduzisse suas tropas à retaguarda vulnerável do inimigo. Encarregou dessa difícil missão, um alferes, um sargento e seis soldados consumados mateiros. De 23 a 31 de outubro, eles cumpriram a árdua missão, sem serem presos pelo inimigo.

Ataque de surpresa

Na madrugada de 31 de dezembro de 1775, a força de Rafael Pinto Bandeira irrompeu na retaguarda de São Martinho, surpreendendo sua guarnição em profundo e pesado sono, somente interrompido pelos gritos de guerra dos 205 atacantes.

Apesar da surpresa, o tenente Manoel Alvarez, comandante do forte, liderou uma reação à bala, durante 15 minutos. Após, rendeu-se junto com 19 dragões e 21 índios. Na confusão, mais de 100 índios conseguiram fugir, embrenhando-se na mata circundante.

Presas de guerra após o ataque

Dentre as presas de guerra efetuadas no ataque e enviadas para Rio Pardo destacam-se: Armamento — 40 espin-

gardas, 19 pistolas, 6 canhões pequenos, 1 morteiro, 39 lanças e 30 cartucheiras; Gado — 6.000 vacuns, 1.100 cavalos, 250 bois mansos, 200 éguas chucras e 150 mulas mansas.

Participantes da operação

Sob o comando de Rafael Pinto Bandeira, escolhido pelo Governador Marcelino de Figueiredo como o único oficial capaz de recorrer toda a campanha do Rio Grande, "com uma cuia de mate e uma ou duas malas de garupa", participaram da operação São Martinho — as seguintes tropas:

— 150 guerrilheiros rio-grandenses vindos de suas bases de guerrilhas nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul.

— 50 homens da recém-criada Companhia de Granadeiros do Regimento de Dragões de Rio Pardo. Entre estes, o então sargento Félix Pereira da Costa, já pai, fazia um ano e cinco meses, do agora considerado — "O gaúcho fundador da Imprensa Brasileira", por haver editado em Londres (1808-22), o *Correio Braziliense*, de tão marcante influência na preparação da Independência do Brasil.

Rafael, instrumento de dilatação do Império

Após esta vitória, coube a Rafael comandar a conquista e arrasamento do Forte de Santa Tecla, em 27 de março de 1776. Esta operação, junto com a reconquista da Vila de Rio Grande, 5 dias após, em 1.^º de abril de 1776, selaram a reconquista e expulsão definitivas dos espanhóis do Rio Grande do Sul, cuje bicentenário comemora-se no ano próximo. Esta efeméride merece ser evocada e festejada, com especial relevo e com amplitude nacional, pelo Povo e Governo do Rio Grande do Sul, em razão de seu alto significado militar e geopolítico — definição do destino brasileiro do Rio Grande do Sul, após

acirrada disputa militar e diplomática entre Portugal e Espanha que se durou mais de 30 anos.

Os restos mortais do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira repousam numa urna exposta à visitação pública na Igreja de São Pedro em Rio Grande, construída em 1756, pelo Exército de Demarcação, segundo projeto do Coronel Fernandes Pinto Alpcym, também projetista dos Arcos de Santa Tereza, no Rio. Por uma estranha e feliz coincidência, o guerreiro Rafael e o templo que abriga seus restos mortais foram dois dos mais poderosos instrumentos no Sul, da política portuguesa — *Dilatar a Fé Católica e o Império Português*, tão presente e viva nos *Luziadas de Camões* — o imortal poeta e soldado.

Julga-se um homem capaz de grandes coisas, pela atenção que presta às pequenas.

Considera tua honra como alguma coisa de mais peso que um juramento. Nunca mintas.

SOLON

Artilharia de Campanha: Menos Vulnerabilidade, Mais Rapidez

Cel. Art. QEMA
NEY EICHLER CARDOSO

I. O Desafio e a Resposta

O falecido Toynbee ac apontar a relação desafio-resposta como uma constante na explicação da vida e da morte das civilizações generalizava em alto nível. Lembrei-me imediatamente do que disse o velho sábio ao terminar de ler algumas das últimas circulares de instrução do exército norte-americano e ouvir na televisão a notícia de sua morte. O avanço da tecnologia no campo dos armamentos utilizados pelas superpotências acentuou-se como um desafio crescente à sobrevivência do apoio de fogo oportuno à infantaria, à cavalaria e aos blindados; passou a exigir tempos de reação cada vez menores à ameaça de armas dia a dia mais capazes de colocar o combatente com a extrema rapidez sob fogo preciso e letal. As novas circulares mostraram-me que, mesmo no escalão grupo de artilharia de campanha, pode-se aceitar a tese de Toynbee: a capacidade de invenção do artilheiro encontrou a resposta burilando técnicas, refinando meios, desprezando usos e criando outros. E, para tranqüilidade dos tradicionalistas, o lema — Precisão, Oportunidade, Massa — não foi abandonado. Apenas (lembremo-nos que as circulares de instrução correspondem à fase de ajustagem) a idéia do centro está mais presente, a oportunidade cresceu em relação às outras duas.

2. As Linhas Gerais da Solução

No velho e perigoso jogo que é o combate, a evolução dos meios não eliminou o ato final que é o confronto dos oponentes. E nessa hora, ainda e sempre, a surpresa é fator ponderante. A solução para um inimigo com armas cada vez mais rápidas e precisas, quando o problema é fugir à sua ação e destrui-las, só poderia ser aumentar a capacidade de não ser descoberto e de reagir prontamente e, acima de tudo, incutir, no combatente, objetivamente, essas idéias. As circulares de treinamento o fazem. Definem, com clareza e minúcia, a natureza de um inimigo que "tem excelentes armas de tiro direto e se o descobrir pode matá-lo". Após isso executam variações sobre o tema básico: uso de medidas passivas para ocultar os próprios movimentos e de medidas ativas para suprimir as armas inimigas, minimização das vulnerabilidades e otimização da eficiência do sistema, negação ao inimigo de um bom campo de vista e redução imediata e violenta da eficiência de suas armas. Em suma, manter-se despercebido a todo custo e, se descoberto, atacar rápida e aniquiladamente.

Surge daí, para o artilheiro, por um lado, uma série de ensinamentos, uns novos e outros recauchutados, de como sobreviver no campo de batalha e, por outro lado, um conjunto de aperfeiçoamentos, simplificações e novas técnicas, que visam a aumentar sua capacidade de empregar os fogos de maneira maciça e, particularmente, oportunamente.

3. A Diminuição da Vulnerabilidade

Os ensinamentos sobre como obter uma menor vulnerabilidade incidem, como não poderia deixar de ser, sobre os três elementos básicos de tiro: central de tiro, observadores e baterias.

Na direção de tiro, a ênfase é colocada sobre a orientação adequada de comando para evitar tiros indiscriminados e, assim, sobreviver. As regulações completas e tradicionais, que

já eram bastante restritas, agora são quase uma exceção: só são realizadas quando absolutamente necessárias, isto é, quando houver confiança no levantamento topográfico e nos elementos meteorológicos, e os que não forem conhecidos e atualizados. Quando realizadas, devem sê-lo de preferência, por peças nômades ou baterias, em posições falsas ou de troca e, quando possível, simultaneamente com outros tiros fora da área de posições, de modo a dissimulá-las e confundir o inimigo, que detetar as trajetórias ou analisar as crateras, quanto ao número de unidades empregadas. E ainda, caso se possa encurtar sua duração e o número de tiros, tanto melhor. São aconselhadas as regulações por levantamento do ponto médio, em tempo, abreviadas ou a própria regulação de precisão encerrada quando se verificar que o tiro será colocado sobre o alvo-auxiliar no próximo lance. Quando necessário até mesmo correções retiradas de um tiro sobre zona, cujo alvo tenha sido precisamente locado, ou de um tiro só, levantado pelo radar, poderão ser utilizadas até obtenção de melhores dados. E, finalmente, surgem as regulações para a retaguarda, ovo de Colombo que embora não fugindo inteiramente à busca de alvos inimiga, aumenta bastante o grau de segurança, se bem que deva implicar na utilização de cartões de vento para cada carga, uma vez que será impossível não considerar significativa a influência das correntes atmosféricas.

Outro conceito, quase um tabu, sofreu importante erosão: a menos que a capacidade dos radares inimigos seja pequena e que o tempo não seja fator que influencie a possibilidade do alvo furtar-se aos efeitos do tiro, as missões são cumpridas com as cargas mais altas possíveis, já que estas diminuem as flexas e as durações de trajeto, reduzindo as possibilidades de detecção das trajetórias.

Na obsessão da fuga aos radares, são aconselhados, quase impostos, os tiros de surpresa e maciços: missões tipo eficácia e, mais, dentro das eficáncias, o menor número possível de rajadas, isto é, tiros simultâneos de várias unidades que, além de aumentarem a letalidade e diminuirem o consumo de mu-

nição, evitam que até operadores de radar bem treinados consigam levantar muita coisa. Quando necessária a ajustagem, uma peça nômade poderá conduzir essa fase e o restante da bateria só atirará na eficácia.

Dentro dessas mesmas idéias, o observador deve esforçar-se para passar à eficácia com um lance do primeiro tiro observado. E, quanto à sua própria localização, não pode esquecer que, a menos que esteja em constante deslocamento, torna-se vulnerável após uma ou duas missões de tiro solicitadas por coordenadas, coordenadas polares ou transporte de um alvo auxiliar. O remédio é enviar em código o lançamento do alvo quando a rapidez não é imprescindível, utilizar a linha peça-alvo para as correções ou . . . mudar freqüentemente seu PO.

As baterias, por sua vez, é dada maior área para escolha de posição, mas lhes são impostas restrições no movimento e na ocupação e instalação de posição, que diminuem sua vulnerabilidade e exigem maior planejamento, disciplina mais estrita e, também, maior trabalho dos artilheiros e da própria central de tiro.

No material autopropulsado, são sugeridos os deslocamentos por pequenos elementos para aumentar as chances de sobrevivência e enganar o inimigo quanto ao número de unidade de tiro. Quando as mudanças forem freqüentes, uma seção pode acompanhar o reconhecimento do comandante de bateria, dando-lhe grande segurança e, posteriormente, iniciando os trabalhos de preparo da posição para o restante. Caso se receie a observação inimiga, tiros de interdição, ataques aéreos ou engarrafamento de estradas, o movimento será através do campo. Logicamente, são considerados a necessidade de reconhecimento do terreno, o estudo das condições do solo, a coordenação a ser feita e o aumento do tempo de mudança consequente. Durante os deslocamentos o rádio em silêncio é quase uma regra, colocando-se ênfase nos sinais visuais.

As posições de bateria não mais necessitam situar-se todas na mesma área de posições de limites definidos, como

outrora. São colocadas de modo a poder apoiar os elementos da brigada, com um afastamento de, no mínimo, um quilômetro entre si e entre as posições de troca. Na própria linha de fogo, a área normal aceita para seis peças de obuseiros 105mm é de 150m x 100m e os dispositivos geométricos são considerados, textualmente, um luxo, levando-se em conta apenas a localização protegida das peças e a dispersão. Os problemas de feixe são solucionados pelas correções especiais.

Sempre que possível, são ocupados acidentes do terreno ainda não constantes das cartas (regiões de árvores novas, barrancos, etc) para evitar o levantamento de locais prováveis de PB pelo inimigo. E um pormenor, também ditado pela fuga à observação inimiga, mas que dará dor de cabeça aos apontadores: as balizas perderam seu branco e vermelho tradicional e são pintadas em cores de camuflagem...

As medidas de defesa aproximada são bem grandes. Com exceção das situações táticas de movimento rápido, os trabalhos de organização do terreno são permanentes e prolongados até que a posição esteja consolidada, isto é, quando puder atirar mesmo recebendo tiros. Os postos de alerta são colocados bem avançados de modo a possibilitar maior tempo de reação. Quando o contato com forças mecanizadas ou blindadas é iminente, a medida sugerida é, conforme decisão, baseada em diretrizes do comandante do grupo, mudar para a posição de troca, considerada a melhor, ou lutar em posições vantajosas, previamente estabelecidas, que permitam o tiro direto sobre as vias de acesso à posição de bateria.

4. O Aumento da Eficiência

Como reduzir os tempos de reação e atacar imediatamente e violentamente o inimigo?

É preciso acelerar o processamento dos pedidos, ordens e comandos de tiro, com perda mínima de precisão e segurança, e, também, obter flexibilidade que permita uma maior adaptação a situações táticas que mudam rapidamente.

A artilharia que segue o progresso da manobra da arma básica e se antecipa às necessidades responde em tempo reduzido às exigências do combate. O oficial de ligação junto ao batalhão, para isso, tem de informar a bateria que o apóia e à central de tiro de seu grupo a evolução dos acontecimentos. Daí a necessidade de que os pontos de controle sejam locados na prancheta de tiro e a possibilidade de, no auge do combate, se ter de acompanhar as comunicações da rede de comando por controle remoto do rádio do comandante da bateria.

A missão de tiro percebida apenas por parte da central de tiro acarreta tempos mortos; um alto-falante atende o impositivo de que todos devem ouvi-la. Para evitar confusões, nas missões múltiplas há previsão de sua identificação antes de cada correção.

A tradicional ordem de tiro, quase um ritual, sofreu um grande abalo. De acordo com as diretrizes do comandante, situação tática, tipo e tamanho dos alvos mais freqüentemente engajados e munição disponível, são estabelecidos ou alterados elementos padrão, a partir daí colocados em cartaz, em local bem visível na CTir. Recebido o pedido de tiro, só são anunciados os elementos que fogem ao padrão ou os elementos substituídos em virtude de discordância com o observador. O silêncio do S/3, portanto, é frequente e significa sua aprovação. O número da concentração passou a elemento isolado da ordem, anunciado após a missão.

Da mesma maneira, os comandos de tiro também apresentam os elementos padrão (unidade que ajusta, projétil, lote, espoleta e, até mesmo, a carga) que só são anunciados quando diferem dos estabelecidos. Além disso, para todos os alvos planejados, deve haver numa lista, em acetato, todos seus elementos do tiro.

O observador avançado, secundando esses esforços para a rapidez, faz o planejamento contínuo dos alvos, mas se limita aos essenciais à manobra do elemento apoiado, para não atravancar as listas, gerando confusão e demoras. Ao transmitir o pedido de tiro, o faz no máximo em três jatos cotejados

(identificação e ordem de alerta, localização do alvo e elementos restantes), numa cadência que possa ser registrada na central de tiro. É aconselhada a inclusão de um aviso sobre o processo de localização ao final da ordem de alerta, se vão ser utilizadas coordenadas polares ou transporte; no caso de serem usadas coordenadas retangulares, deve enviar o lançamento observador-alvo após o pedido do tiro, mas antes da primeira correção.

As baterias, para atuar mais rápido, eliminaram o posto do comandante da linha de fogo, que se interpunha entre a central de tiro da bateria e as peças como um obstáculo ao fluxo contínuo de comandos de tiro, funcionando como um gargalo e causando repetições inúteis. O CLF continua com suas principais responsabilidades, revezando-se com seu adjunto nos períodos de atividade intensa, mas ficou liberado para agir onde for mais necessário.

A esta simplificação podemos somar o estabelecimento dos elementos padrão para os comandos de tiro e a determinação de que cada seção repouse sempre em um dos dois ou três alvos mais prováveis que se seguirão nos fogos de proteção final, para os quais elas mantêm cartões de elementos de tiro. Há, ainda, toda uma série de expedientes no manuseio da munição, entre os quais se sobressai o de que a peça pode ser carregada ao comando de deriva.

Surgem as seções de prontidão (hot platoons), também para maior rapidez de tiro, mas ainda, para permitir que as outras seções, com maior tranquilidade, possam realizar progressivamente as tarefas, agora aumentadas, de preparo da posição. Por este conceito, uma das seções deve se manter com a guarnição completa, com os elementos do alvo de maior prioridade registrados no material e com a munição literalmente a caminho do tubo, enquanto que as outras conservam apenas guarnições mínimas. Caso seja necessária uma ajustagem, a seção de prontidão a realiza e as demais entram na eficácia.

Já visando a flexibilidade, previu-se um Centro de Operações de Bateria (COB), como central de tiro suplementar

para quando aquela ficar inoperante ou para auxiliá-la durante missões múltiplas de curta duração distribuídas às seções ou, em missão normal, dirigir os tiros da peça nômade. O sistema de comunicações fio da bateria pode ser adaptado para inclusão do COB e para outros aperfeiçoamentos e sugere-se que a linha para a nova posição seja lançada na estrada pela última viatura do comboio. E, por fim, como as mudanças são freqüentes e as áreas de posição de bateria e de grupo são maiores, o esforço da turma de topografia é bem grande. As vezes, a linha de fogo está tão dispersa que exige levantamento do centro das seções em vez de centro de bateria. Daí o aparecimento ou ressurgimento de processos simplificados de levantamento, inclusive a antiga interseção à ré expedita.

5. Os Tiros Supressivos

Os canhões dos carros de combates atuais, com seus sistemas de controle de tiro e estabilização altamente desenvolvidos, são armas de alta precisão. Os mísseis dirigidos anticarro não ficam atrás, havendo alguns que têm 90% de possibilidade de atingir o alvo no primeiro tiro, mesmo no alcance máximo. Tudo o que foi visto até agora, portanto, pode ser insuficiente já que de nada vale um grupo atirar dois minutos após um pedido de tiro se os combatentes podem ser eliminados ou os carros de combate destruídos naquele espaço de tempo.

Os tiros supressivos surgem como solução para essa ameaça. Não fogem da missão clássica da artilharia, mas constituem uma solicitação intensa ao artilheiro, em todos os setores e escalões, para que os projéteis estejam no ar menos de um minuto após o observador pedi-los. Determinaram, ainda, uma nova situação, quase diria tática, para o escalão subunidade: a de bateria exclusiva (*dedicated battery*), capaz de atirar quase instantaneamente em proveito de uma companhia de primeiro escalão.

Os tiros supressivos são necessários quando o inimigo está em condições de engajar ou engajou sob tiro direto elementos de manobra, carros ou pessoal exposto, amigos. Devem aumentar o poder dos tiros supressivos daqueles próprios elementos e preencher o hiato entre o alcance eficaz dos tiros diretos do combatente e as distâncias máximas de origem do fogo inimigo, ou seja, bater a faixa entre 1500 e 3500 metros à frente da linha de contato.

Os tiros supressivos podem ser planejados ou imediatos. Os tiros supressivos planejados iniciam-se de maneira semelhante à dos demais fogos, mas o observador, ao estabelecê-los com o comandante de companhia para cada fase da manobra, considera, particularmente, sua importância e a adequada cobertura para os elementos do primeiro escalão e, ao mesmo tempo, evita a quantidade. Os alvos selecionados são transmitidos à central de tiro pelo meio mais seguro e seus elementos, já calculados, ficam em, pelo menos, uma seção de bateria exclusiva durante a fase da operação na qual a rapidez de prestação de apoio pode influir decisivamente no combate. Caso vá se concretizar a possibilidade de o inimigo colocar sob tiro direto os elementos de manobra, o tiro é desencadeado mediante um pedido que se compõe apenas do indicativo do observador, da palavra — Supressão — e da localização do alvo, feita somente com uma letra e um ou dois dígitos.

Os tiros supressivos imediatos são desencadeados quando o inimigo colocou sob tiro direto os elementos de manobra ou foi visto e pode atirar dentro em pouco. Os tiros supressivos imediatos podem ser realizados sobre alvos previstos ou inopinados, mas, em qualquer caso, o sentido de urgência de que se revestem faz com que a reação imediata seja a consideração primordial, em detrimento, mesmo, da precisão rigorosa. Para isso o comandante da brigada determina quais os elementos de primeiro escalão que exigem baterias exclusivas, ouvido o comandante do grupo sobre a repercussão no apoio geral ou apoio direto à brigada. O sistema de comunicações sofrerá mudanças para que haja um canal

de tiro exclusivo entre a bateria e seu observador avançado, no qual o oficial de ligação poderá se manter na escuta. A central de tiro da bateria, por outro lado, mantém um receptor na escuta da rede de comando da companhia apoiada para acompanhar seu avanço, antecipar suas necessidades e possibilitar seus pedidos de tiro diretos. Como já recebeu do observador avançado as linhas e pontos de controle e já colocou estes na prancheta de tiro, poderá atirar rapidamente sobre eles ou utilizá-los como pontos conhecidos para localizar outros alvos.

O observador não fica preso às técnicas normais, tanto de planejamento de fogos e localização de alvos, como de observação e condução do tiro. Quando há pouco tempo para preparar os tiros supressivos, ele pode fazer um Plano Rápido de Fogos (Hasty Fire Plan). O sistema de identificação de alvos e pontos de controle, como já se viu, é simplificado e pode ser desenvolvido pelo observador no nível subunidade, mas a melhor solução é a padronização na brigada. Os pedidos de tiro são feitos da mesma maneira que nos tiros supressivos planejados, utilizando, no entanto, a expressão — Supressão imediata. Uma descrição do alvo é enviada logo após a localização. Se houver necessidade de ajustagem, é enviado o lançamento para o alvo junto com as correções iniciais e a conduta deve ser agressiva, sem preocupações maiores com o enquadramento, visando a que a eficácia possa ser feita após uma correção do primeiro tiro.

Na central de tiro, o operador de prancheta vai ao pormenor de ter a RT/TDA movimentando-se junto com o deslocamento da companhia de modo a poder fornecer os elementos antes que o pedido de tiro esteja formalmente recebido. O sítio pode ser o médio da área ou até ignorado. A carga é a mais alta possível e deve ser estabelecida como padrão a combinação de projétil de alto explosivo com a espoleta VT. Dentro das idéias que para atirar é preciso ver e que a letalidade cai verticalmente à medida que se sucedem as rajadas, as missões com fumígenos são consideradas de grande utilização, particularmente a dita de Fumígeno Rá-

rido (Hasty Smoke). É uma combinação de projéteis de fósforo branco e hexacloretana rapidamente atirados nas rajadas iniciais de um tiro supressivo, para cegar o inimigo por pequenos períodos, ou, após as rajadas iniciais, em alvos como carros de combate ou viaturas blindadas de transporte de pessoal.

Nas baterias são utilizadas todas as técnicas preconizadas para o aumento de eficiência, aliadas às simplificações decorrentes da situação de apoio exclusivo. Salienta-se, no entanto que, mais do que qualquer expediente, o importante é a presença de tenentes com senso comum, iniciativa, flexibilidade e vontade de tomar decisões rápidas e corretas.

6. A Vontade de Melhorar e o Espírito de Pesquisa

Colocados ante um grande desafio, artilheiros procuraram encontrar a resposta. Analisaram, sem preconceitos, seus procedimentos no terreno, à busca de vulnerabilidades, e sua técnica de tiro, à procura de cada segundo consumido à toa. Reconheceram, honestamente, que poderiam melhorar, à custa de maior esforço, sua proteção, e que havia supervisão excessiva, redundância de ordens e de comandos, e verificações em demasia. Simplificações foram feitas, novos processos imaginados e responsabilidades aumentadas. Os testes em Fort Sill mostraram os resultados. O FM-6-40 prevê como "Muito Satisfatório" o tempo de 3m40seg entre o término da identificação do alvo pelo observador e a saída do tiro na bateria, isto é, para que seja expedida a mensagem, a central de tiro produza os elementos e as peças atirem. Com a melhoria da eficiência o prazo caiu para 1m20seg. Com baterias exclusivas, uma supressão imediata comum leva 55seg e uma supressão imediata em alvo planejado apenas 30seg; finalmente, uma supressão imediata em alvo prioritário é realizada, pasmem, no tempo médio de 18seg.

As circulares de treinamento, ao colocarem as novas técnicas ao alcance de seus artilheiros, esclarecem que para

dominá-las é necessário intenso treinamento e que são apenas um ponto de partida para novos aperfeiçoamentos, motivo pelo qual estão abertas a sugestões oriundas da experiência, antes de que sejam incorporadas ao novo FM. E dão uma antevisão do que ainda pretendem: desde simples tabelas para cálculo da elevação mínima para todos os calibres, a serem publicados dentro em pouco, a toda a uma gama de dispositivos sofisticados que permitirão, a médio prazo, rapidez, precisão e eficiência enormes.

Em que pese às disparidades de cultura e desenvolvimento, mais do que as soluções, a atitude do artilheiro norte-americano merece a nossa meditação.

Em 1960 chegou à artilharia brasileira a notícia do abandono da observação do tiro pelo "processo do artilheiro", que tanto alimentara vaidades e ensejara, mesmo, a criação do "chinês". A idéia de baixar das alturas a observação de planos de tiro, em favor de um raso processo que se inicia com destinação ao combatente de qualquer arma, criava resistências por ser nova e ofendia alguns "virtuosos" por ser simples. A equipe de instrutores do Curso de Artilharia da EsAO, com apoio irrestrito de seu instrutor chefe, o então Ten Cel Oziel Almeida Costa, tomou o pião na unha e aproveitou a oportunidade para abandonar o vezo das traduções e buscar soluções mais consentâneas para a técnica de tiro, diversificando as fontes e utilizando a experiência brasileira. Milhares de tiros disparados em Gericinó, centenas de capitães testados em dois anos, duração de missões e seu consumo de munições tabulados e analisados, comprovaram o óbvio: na guerra só dá resultado o que é simples. Observação realista, dentro das possibilidades de homens em situação de combate, mensagens de tiro mais curtas e lógicas, boletins de tiro funcionais, comandos simplificados e feixes mais racionais foram os resultados que depois se concretizariam, em seqüência lógica e didática, no primeiro C 6-40 com feitio brasileiro.

De lá para cá transcorreram mais de treze anos e muitas evoluções sofreu o ambiente do campo de batalha sem

necessário acompanhamento da nossa artilharia de campanha. Não será esta a oportunidade de verificarmos até que ponto poderão ser aplicadas as novas técnicas em meio bastante diferente daquele onde surgiram?

7. Fontes Consultadas

- TC 6-20-1 (12 May 75). Field Artillery Supression of Direct Fire Weapons.
- TC 6-40-1 (30 June 75). Modern Battlefield Gunnery Techniques.
- TC 6-50-1 (30 June 75). Firing Batery Operations.

A eficiência de todo exército depende de diversos fatores, mas um deles se destaca — o moral. Podemos dispor de todo o material existente no mundo; sem moral pouco conseguiremos. Esse fator que temos de considerar antes de mais nada, é determinado por diversas condições; em primeiro lugar, depende naturalmente do prestígio dos chefes, da disponibilidade de equipamento e, afinal de contas, da população que permanece na Zona do Interior.

GEN G. MARSHALL

Subsídios Para Um Manual de Tiro ao Alvo

Maj Art QEMA
RONALDO MARCELLO A. MARTINS

IV PARTE

O presente trabalho pretende dar continuidade aos já publicados anteriormente pela Defesa Nacional, visando auxiliar a formação do atirador de armas curtas

COMPETIÇÕES DE TIRO

ARTIGO I — FOGO CENTRAL

Na competição de Fogo Central, podem ser usados o revólver ou a pistola, desde que seu calibre esteja entre 7,60 e 9,65 milímetros e algumas outras especificações sejam seguidas (para maiores detalhes verificar o regulamento de Tiro para Fogo Central, estabelecido pela UIT). A prova, realizada na distância de 25 m, consta de 30 tiros de precisão (em 6 séries de 5 tiros) e de 30 tiros (duelo), disparados sobre o alvo de silhueta (também em 6 séries de 5 tiros).

No tiro (rápido) de duelo o alvo é virado ao comando "Atiradores prontos"? Dez segundos mais tarde o alvo é exposto na posição de frente, por três segundos, durante os quais o atirador dispara um tiro. O alvo vira depois de três

N.A. — O tiro rápido passou a denominar-se tiro de duelo.

segundos e reaparece sete segundos mais tarde para ser exposto por mais outros três segundos. Esta seqüência é repetida até que a frente do alvo tenha sido exposta para o atirador cinco vezes. O atirador deve lembrar-se, que o alvo permanece afastado por dez segundos somente depois do afastamento inicial sucedendo à pergunta "Atiradores Pron-tos"? feita pelo Juiz aos atiradores.

Todos os afastamentos subsequentes dos alvos têm sete segundos de duração. Os alvos são expostos depois em intervalos de três segundos.

Os passos seguintes representam um método aceitável e eficiente para a obtenção de um bom resultado no tiro rápido.

O atirador deve empunhar firme e corretamente a arma, além de manter uma atitude e posição corretas, lembrando-se que o aumento contínuo da pressão no gatilho, é conseguido através de treinamento. Este método é recomendado pois evita que o atirador modifique a sua empunhadura, ao erguer a arma. Alterações na empunhadura impedem a manutenção do alinhamento das miras, porque levam a maça de mira a ficar em local diferente, em relação à alça, cada vez que o braço se ergue para um tiro.

Como ficou, anteriormente, explicado, o alvo ficará de frente para o atirador depois da demora inicial de dez segundos. O atirador precisa estar totalmente entregue à tarefa de antecipar-se ao aparecimento do alvo. A aquisição de um "ritmo" é também essencial aqui. Através da constante observação e de tentativas de estar ciente e atento à passagem rápida do tempo, o atirador é capaz de desenvolver este "ritmo", criando um reflexo-resposta ao aparecimento do alvo. A partir do momento em que o mesmo se afasta, o atirador permanece pronto para responder ao seu súbito reaparecimento sete segundos após.

Essa total confiança não é fácil de conseguir. Ela requer uma concentração, que deve ser desenvolvida por meio de repetidas tentativas, para responder corretamente, quando os sete segundos de tempo de afastamento terminarem.

Um dos melhores atiradores descreve sua presteza em reagir deste modo: "Quando me coloco com o braço na posição prescrita, ângulo 45º para baixo, imagino o meu braço como se fosse uma mola esticada. Um grupo de músculos querem fazer saltar a mola para a posição de pontaria, mas eu os impeço de fazer isso com outro grupo de músculos. Quando os alvos aparecem, libero aqueles músculos que levarão o braço para cima e eles executam sua tarefa".

O atirador deve estar totalmente pronto para o aparecimento do alvo e reagir em fração de segundo.

Não só deve erguer a pistola como foi descrito, mas também atirar no alvo, iniciando a apertar o gatilho enquanto ainda aponta para o chão. No instante em que o alvo se move, começa o movimento da mão e do braço que segura a arma em direção ao mesmo.

Durante o tempo em que o alvo permanece fechado o atirador fica olhando para ele. Não tenta limitar ou definir muito bem o afastamento do alvo. Não o olha, como se fosse um ponto fixo.

Quando a arma se move para cima e a sua boca chega à altura do "quadril" do alvo, o atirador vê as miras, tenta alinhá-las, continuando a apertar o gatilho e pára com a arma no centro do alvo.

Deve lembrar-se de que, quando a boca da arma circula através do "quadril" do alvo, ele transfere os olhos do alvo para as miras e daí por diante, ao disparar os tiros a sua tarefa é semelhante à executada no tiro de precisão.

Focaliza as miras, alinha-as e continua apertando o gatilho para trás até o tiro partir. Nesta seqüência de tiro, é preciso esforçar-se para conservar a "área de movimento" pequena, mas deve continuar pressionando o gatilho, enquanto alinha as miras e tenta impedir todo tremor da arma. Dispara o tiro durante os três segundos em que o alvo fica na sua frente.

Há uma tendência para diminuir a pressão no gatilho, quando as miras estão mal alinhadas e o braço da pistola está

se deslocando para o ponto central do alvo. É preciso treinar os músculos para continuar a pressão no gatilho, enquanto as miras são alinhadas. Os alvos já se terão virado, se o atirador seguir a tendência de puxar o gatilho somente quando as miras estiveram em perfeito alinhamento. É preciso enfatizar que as ações de puxada do gatilho, alinhamento das miras e a parada da arma no centro do alvo, são executadas uma de acordo com a outra. Um esforço suave e coordenado, combinando esses três fatores, fará o cão cair dentro dos relativamente curtos três segundos durante os quais o alvo está visível.

A maioria dos atiradores experimenta respirar normalmente nos primeiros cinco segundos do período de sete segundos de tempo de afastamento. Aproximadamente dois segundos antes do alvo virar, pára de respirar e espera o aparecimento do alvo. Depois do tiro ser disparado, move o braço cautelosamente para baixo no ângulo de 45° e exala a respiração. Respira então normalmente e começa de novo o processo de aumento de tensão durante o tempo em que o alvo está afastado.

A persistência desempenha um papel vital para um disparo eficaz no tiro de duelo. No começo dos treinos, o atirador sente que, depois do segundo ou terceiro disparo, os músculos do antebraço começam queimar e doer. Esta sensação de desconforto deve ser suportada, se possível, sem o relaxamento da empunhadura. Contudo, é provável que seja necessário relaxá-la levemente entre os tiros, durante o início das etapas de treinamento.

Qualquer exercício que fortaleça o braço é considerado vantajoso.

Atirar em seco, resulta no aperfeiçoamento e no fortalecimento do braço, além de permitir familiaridade com o rápido alinhamento das miras e o movimento posterior do gatilho.

ARTIGO II — TIRO RÁPIDO

Para uma seqüência de Siluetas é necessário realizar 20 tiros em 8 segundos, 20 tiros em 6 segundos e 20 tiros em 4 segundos no alvo silhueta do Tiro Rápido Internacional, para um total máximo de 600 pontos.

Esses 60 tiros são feitos em 2 etapas de 30 tiros.

Cada etapa consiste de:

2 séries de 5 tiros em 8 segundos cada;

2 séries de 5 tiros em 6 segundos cada e

2 séries de 5 tiros em 4 segundos cada.

É disparado um tiro em cada alvo por série.

O tiro rápido é realizado sobre cinco alvos de silhueta colcados a 25 metros da linha de fogo. Esses alvos têm a separação de 1 metro, centro a centro.

A pistola usada é, relativamente, sem restrições, desde que possa ser adaptada dentro de uma caixa de 30 cm x 15 cm x 5 cm. Podem ser usados punhos ou cabos anatômicos, desde que não se prolonguem além das articulações do pulso.

O peso do gatilho não é especificado, mas deve oferecer confiança. As miras devem ser metálicas. O calibre é .22. O peso da pistola, incluindo adaptações e outras modificações não pode exceder a 1.260 g.

POSIÇÃO DO CORPO

O aspecto mais importante da postura é a colocação dos pés. Os pés devem estar ligeiramente mais afastados do que no de tiro de precisão, porque enquanto o atirador realiza a série de 5 tiros, move o braço de um lado para outro. Isto

N.A. — O tiro às Siluetas passou a denominar-se tiro rápido.

causará um ligeiro e inconsciente impulso no tronco, na direção do movimento realizado. Por causa disso deve-se procurar uma base mais estável.

A outra principal diferença na atitude é a partida da posição de "pronto". O braço que sustenta a arma é mantido em posição num ângulo de 45° abaixo da horizontal até a apresentação dos alvos.

A posição da cabeça também é importante. Ela precisa ser mantida ereta. Se a cabeça for abaixada ou inclinada para trás, o cone de visão fica torcido e haverá dificuldades em manter o alinhamento das miras.

Os pés ficam ligeiramente separados, mas sem causar desconforto. O braço é mantido num ângulo de 45° até que os alvos girem e maior atenção deve ser dada à posição da cabeça.

O método usado pelos melhores atiradores é assumir uma atitude natural, apontando para o último alvo, depois fazer o braço girar para trás na direção do primeiro alvo e baixar o braço para a posição inicial. A principal vantagem deste método é que ele permite ao atirador mover-se para o outro lado com menos esforço muscular, já que está se movendo para a sua posição natural. Por exemplo, é mais fácil afrouxar suavemente uma mola do que esticá-la. O ponto que precisa ser observado rigorosamente, é o deslocamento do braço para o primeiro alvo. Visto que se está empregando uma leve tensão muscular contra a posição natural, o braço tem necessidade de se mover para a esquerda no momento em que é levantado para a posição de atirar.

Uma outra posição utilizada é alinhar o corpo com o primeiro alvo.

Isto dá a vantagem de um completo controle sobre o braço levantado para a posição de atirar, já que ele está vindo para uma posição normal. A desvantagem é o movimento contra os músculos, quando o braço se desloca para os alvos subsequentes na série, "esticando" a mola por assim dizer.

Um método adicional seria alinhar o corpo no alvo do centro. Este método tem vantagens e desvantagens para mais ou para menos que os dois métodos acima descritos.

Visto que no tiro às Silhuetas é necessário movimentar o braço, a posição do corpo deve ficar mais próximo dos 90° em relação aos alvos. Isto limita o movimento do braço ao mínimo esforço muscular. Também na posição de 90° menos tensão é produzida nos músculos das costas, permitindo ao braço um ângulo mais favorável de oscilação em frente do corpo. Não considerando qual o alvo que o atirador usa no seu primeiro alinhamento, sua posição precisa ir de encontro às exigências, que permitem o corpo oscilar em todos os cinco alvos sem um excessivo e indevido repuxão nos músculos. É normal, haver um ligeiro movimento no dorso. É importante um movimento suave e uniforme do braço.

A RESPIRAÇÃO

Deve-se ter uma quantidade de ar suficiente nos pulmões que permita disparar cinco bem dirigidos tiros nos cinco diferentes alvos. Um método recomendado para controlar a respiração é inspirar profundamente e exalar completamente duas ou três vezes antes de dar o comando "PRONTO".

O atirador deve proceder do seguinte modo: Respirar profundamente, — dar o comando "PRONTO" — Exalar cerca da metade, segurando o resto de ar, (agora os alvos estão se virando e no máximo 8 segundos mais tarde ele poderá voltar a respirar normalmente).

A VISADA

O alinhamento das miras é tão importante no tiro às Silhuetas, como no tiro de precisão. Ainda que os alvos estejam juntos e os círculos dos 10 sejam maiores, entretanto, não se pode fazer um "quase" ou "incompleto" alinhamento das miras. Deve-se esforçar por um perfeito alinhamento das

miras, a cada instante que se aperta o gatilho. Não faz diferença se é o 1.º alvo, o último ou alvo do meio; o alinhamento das miras é exatamente o mesmo a que se está habituado.

No alinhamento das miras no tiro às Silhuetas, o atirador precisa estar consciente de várias coisas. Primeiro, é o movimento dos alvos; segundo, é o movimento da pistola para a posição de tiro e terceiro, as miras.

Visto que o movimento dos alvos é o sinal de partida para o atirador apontar sua arma, é necessário que ele veja os mesmos moverem. Não é necessário, nem desejável, focalizar os alvos enquanto espera por este movimento. Para focar o alvo, deve desviar ou transferir o seu foco da maça de mira antes de atirar. Um dos métodos aceitos é fixar o olhar no espaço onde as miras aparecerão no alvo.

Isto é determinado pelo levantamento do braço da posição de "Pronto" para a posição de "Fogo", alinhando-se as miras com a área de pontaria, focalizando na maça de mira. Baixa-se o braço para a posição "Pronto", mantendo a vista fixa no alvo. Dá-se o comando de "Pronto" e, enquanto os alvos se viram, levanta-se o braço e leva-se as miras para o ponto onde o olhar está fixado. Tudo isso pode ser feito, usando-se o que se chama "o cone da visão".

Quando "apanhar" as miras e aperfeiçoar o alinhamento?

Alguns bons atiradores "pegam" as miras à altura do círculo 7 ou 8 (às 6 horas). Isto é sentido pela maioria dos atiradores ainda que, o melhor lugar para "pegar" as miras seja no círculo 9 e preferivelmente na parte mais baixa do círculo 10. Usando esse último método, não se desvia o olhar da área onde estará o alinhamento das miras. Depois de ter movido o braço para a posição de "Fogo", aperfeiçoado o alinhamento e aperfeiçoado o gatilho, o atirador prepara-se para atirar no próximo alvo.

O controle do gatilho não é mais difícil nem mais fácil no tiro de precisão do que no tiro às silhuetas. Não faz nenhuma diferença qual o tipo de gatilho que se tenha na

pistola, leve ou pesado, macio ou áspero. Deve-se apertar o gatilho suave e firmemente, reto para trás, paralelo com o eixo da pistola.

Empunhar a arma é mais difícil no tiro às Silhuetas do que nos demais tipos de tiro. Uma boa empunhadura deve: primeiro, permitir um natural alinhamento das miras e segundo, permitir controlar o gatilho de tal modo, que se possa atirar sem perturbar o alinhamento das miras. O uso de cabos anatômicos é autorizado, desde que eles não se prolonguem além das articulações do pulso. É permitido ter as costas da mão coberta. De fato uma luva de madeira perfeitamente ajustada seria o punho ideal para a pistola de tiro rápido. Para saber ao certo qual o tipo de punho adequado, usa-se o mesmo método empregado para fazer a empunhadura no tiro de precisão. Reconstituir, remover, adaptar ou acrescentar até finalmente conseguir um cabo que assente bem (e é aconselhável tê-lo em duplicata). O atirador deve apertar a pistola com tensão suficiente para causar um tremor. Em seguida, relaxar a tensão suavemente, até que desapareça o tremor. Isto permitirá exercer um controle independente do gatilho e manter as miras num alinhamento normal.

Não há substituto para a alicação dos fundamentos do tiro. Este é o único meio certo para a obtenção de um bom resultado. No tiro às Silhuetas não se pode deixar coisa alguma ocorrer por acaso. Nada acontece espontaneamente. Tudo deve ser considerado cuidadosamente, ensaiado e finalmente executado. Agora o atirador precisa empregar a sua posição, controle de respiração ao segurar a arma, alinhamento das miras e controle do gatilho. Deve planejar exatamente o que vai fazer e ter a convicção intima de levar a bom termo o seu plano de ação acima de todas as dificuldades.

Movimento da pistola para o primeiro alvo: O movimento para o primeiro alvo e para os alvos subsequentes é completamente diferente de qualquer tipo de tiro visto anteriormente. O movimento da pistola para os alvos já foi tratado. O principal ponto a ser lembrado ao disparar o primeiro tiro, é que ele deve ser atirado no centro do alvo com as miras

alinhas. Isto só pode ser feito com um suave e bem coordenado deslocamento do braço da posição "Pronto" para a posição "Fogo". No caso de valorizar algum tiro, o maior ponto seria dado ao primeiro tiro. Se este tiro for disparado corretamente, será entrar com o pé direito para a realização do restante da série. Se ocorrer alguma coisa errada no primeiro tiro, ele tende a influir sobre o restante. Tanto para os novos como para os velhos atiradores do tiro às Silhuetas, os exercícios para a realização do primeiro tiro são muito benéficos para um programa de treinos.

O atirador já sabe que a "Posição Pronto" é com o braço que sustenta a arma abaixando 45°. O que mais deve saber e fazer?

Primeiro, o pulso e o cotovelo devem estar esticados, o tríceps (músculos de três feixes), deve estar tenso. Isto ajuda a controlar o movimento para o primeiro alvo e a redução do movimento de arco da pistola, durante a série de cinco tiros.

Quanto ao problema do deslocamento do braço para a posição de tiro, este movimento pode ser rápido ou lento, dependendo do atirador e da maneira como foi treinado.

No movimento rápido para os alvos, há uma aparente vantagem de obter mais depressa as miras no centro do primeiro alvo, permitindo disparar o primeiro tiro mais cedo do que seria feito, caso se levantasse o braço mais devagar. O que realmente acontece aqui, é que o braço invariavelmente fica acima da área de pontaria e algum tempo é perdido no retorno, para se fixar no centro do círculo 10. Este tiro alto e a fixação diminuem as vantagens dadas pelo movimento rápido. Este movimento rápido não é aconselhável para atiradores novatos, mas é vantajoso para o atirador que é adestrado no Tiro às Silhuetas e que tem condições de superar as dificuldades deste movimento.

O movimento do "Pronto" para o "Fogo", recomendado para atiradores principiantes e também usado por muitos bons atiradores do tiro às silhuetas, é o chamado movimento "lento".

O movimento lento, todavia, quer dizer que o tiro deve ser deflagrado no mínimo em 1,25 a 1,50 segundos. No movimento lento, o braço desloca-se, parando logo depois que principia o movimento. Isto permite "pegar" o alinhamento das miras na parte mais baixa do círculo 10, parar no centro e apertar o gatilho, quase tudo num só gesto sem ter que estar "caçando" as miras.

O Movimento da Pistola para os alvos subsequentes é difícil até para os mais experimentados atiradores. Este, mais do que o movimento para o primeiro alvo, é diferente de tudo a que o atirador está acostumado. É de grande importância a perfeição de movimentos para a realização do primeiro tiro, pois depende dele o bom resultado dos demais. Logo após ao primeiro disparo, o atirador deve preocupar-se com o centro do próximo alvo. Para tanto, firma a arma, alinha as miras e aiona o gatilho. Estas operações serão repetidas para todos os demais alvos.

O atirador não deve distrair-se durante a realização da série e é da máxima importância, que não procure ver no alvo o local do impacto. Em cada alvo o atirador deve parar com o braço e com a pistola, alinhar as miras e apertar o gatilho.

A disciplina mental é essencial para qualquer coisa que se faça e que requeira alguma concentração. No Tiro às Siluetas, o atirador precisa ser mais disciplinado, mentalmente, do que em qualquer outra fase ou ação de atirar. O esforço requerido para disparar uma série de tiros é talvez 95% de esforço mental e 5% de esforço físico.

Pode-se ver, portanto, por que a disciplina mental representa uma parte tão importante nesse tipo de tiro.

Como em qualquer outro campo de atividade, pratica-se a disciplina mental a qualquer hora e em qualquer lugar. Um bom exercício é colocar uma cadeira e, se possível, o equipamento em uma extremidade da área de boxes, atirando em seco (sem munição) com os competidores. Se não puder atirar em seco, o atirador deve imaginar em seu cérebro as fases da competição, conduzindo-as na sequência, após o disparo do

primeiro tiro, compondo mentalmente como esse tiro será disparado; depois, disparando-o mentalmente, movimentando-se para o próximo alvo, etc., até completar as séries.

Realmente, não se pode pensar em aplicar cada um desses fundamentos como eles são imaginados. De preferência, o atirador deve estar treinado e disciplinado, de modo que cada elemento caia em seu lugar certo e o emprego dos fundamentos seja automático. Por exemplo, o movimento mecânico do alvo causa um impulso mental para iniciar o movimento do braço até a área de pontaria. Esse movimento mecânico do braço causa a conscientização do alinhamento da mira. Quando o movimento mecânico do braço e obtenção do alinhamento das miras são efetuados, realiza-se o esforço mental para o controle do gatilho. O movimento mecânico do dedo no gatilho resulta no disparo da arma. Este, por sua vez, causa o movimento mecânico para o próximo alvo e o processo mental principia de novo. Isto é, nada mais ou nada menos do que o condicionamento do corpo para reagir de um certo modo a determinadas condições.

Quando está suficientemente treinado, a ponto de reagir apropriadamente, quando os alvos se movem, o atirador já está no caminho correto para obter um excelente resultado.

Essas condições mentais só podem ser conseguidas através de um intenso esforço e um bom programa de treinamento.

ARTIGO III — PISTOLA LIVRE

A Competição de Pistola Livre é realizada na distância de 50m.

São dez tiros de ensaio e mais 60 tiros, disparados em seis séries de dez tiros num limite de tempo de 3 horas. O número de pontos é, consequentemente, de 600. É permitido aos atiradores disparar os tiros de ensaio antes ou entre os dez tiros da série. O peso do gatilho não é especificado, mas precisa oferecer segurança. Qualquer arma calibre .22 (5,6mm) pode ser usada. Atualmente, os atiradores da FCT estão dando preferência à Pistola Hammerli.

Atirando com Pistola Livre, o braço que segura a arma deve estar afastado do corpo. Não é permitido o uso de relógio de pulso ou alguma outra coisa que possa dar apoio à pistola. O atirador deve adotar uma posição de modo que fique claramente visível, que não está obtendo nenhuma escora da parede, do banco ou de outra qualquer estrutura permanente ou temporária. É necessário conhecer a pistola e a técnica de seu uso, bem como as regras e a direção do fogo, antes de embarcar na difícil viagem para o sucesso. A mão do atirador deve se sentir confortável nas ações de agarrar e disparar. A forma do punho (cabo) permitirá que ele segure a pistola corretamente com o menor esforço possível. O contato entre a superfície da mão e do cabo quanto maior, melhor. É especialmente vantajoso, ter a base do polegar totalmente em contato com o cabo. O apoio da mão deve alcançar a parte posterior até onde ele é permitido. Não deve contudo atingir atrás do pulso.

O gatilho ajustável da pistola livre tem um puxador de gatilho de 15 a 40 gramas ($1\frac{1}{2}$ a $1\frac{1}{2}$ ozs.) O gatilho é equipado com um parafuso de arranco (puxador) ajustável. Muitos atiradores ajustam o gatilho o mais leve possível.

Isto pode causar problemas — um movimento involuntário pode accidentalmente disparar a arma antes do atirador estar pronto. Um gatilho muito suave não permitirá ao atirador tocar-lhe, quando fizer a pontaria. É preciso deixar uma certa quantidade de peso no gatilho, para permitir tocar e sentir o mesmo. Isto dá mais confiança e segurança ao atirador.

Há três métodos para fazer funcionar o gatilho da pistola livre.

1.º) O atirador coloca o dedo levemente sobre o gatilho, logo após ter levantado o braço para a posição de atirar, e aplica uma pressão firme sobre o mesmo até sair o tiro. Normalmente uma regulagem de $1\frac{1}{2}$ ozs é usada neste método.

2.º) Com um gatilho mais leve, aproximadamente 1 onça, o atirador inclina cuidadosamente o dedo indicador em

direção ao gatilho, tocando-o ligeiramente, dependendo mais ou menos do movimento da visada. Se visto de lado, o dedo do gatilho está constatadamente se inclinando em direção ao gatilho. O trabalho para o atirador é escolher o melhor momento para fazer o contato e empregar suficiente pressão no gatilho para soltar o tiro sem interromper a visada.

3.º) Após erguer a pistola, o atirador faz um contato mais seguro do dedo sobre o gatilho, somente quando as miras estão perfeitamente alinhadas. Até este momento o dedo indicador é mantido livre, sem mesmo sequer tocar no gatilho. Este método é aplicado, se o peso do gatilho for pequeno ($1/2$ oz) e a pistola disparar com o mais ligeiro toque.

O primeiro método é o melhor. O segundo tem algum perigo. Se a pistola for involuntariamente sacudida por um movimento abrupto sairá um tiro ruim. O terceiro método requer um reflexo condicionado dos músculos do braço porque há uma demora no tempo de reação depois de conseguir um perfeito alinhamento das miras até o disparo do tiro. É necessária uma profunda concentração, para manter um perfeito alinhamento da visada. É difícil manter o dedo firme por muito tempo num gatilho de $1/2$ onça. Esse método, muitas vezes, leva o atirador a um princípio de fadiga nervosa.

Se o cabo não é corretamente adequado à mão do atirador, freqüentemente o dedo só toca o gatilho depois de uma excessiva inclinação. Isto é incômodo. Muitos atiradores instalaram um pequeno parafuso ou arame torto no gatilho, o qual pode ser girado e ajustado para uma posição mais favorável, onde o dedo do gatilho possa alcançá-lo. Esse acréscimo ao gatilho deverá ser curto e tão leve quanto possível. Se há uma excessiva tolerância no ângulo formado, quando da montagem do mecanismo do gatilho, o sistema pode não funcionar corretamente.

O atirador deve determinar onde a colocação do centro de gravidade é melhor. Seria um pouco para a frente da posição do dedo médio, dependendo individualmente de cada atirador. Alguns atiradores colocam um peso adicional no

"forend'", acreditando que com isto seja mais fácil manter por mais tempo a linha de mira. Se a massa de mira tem movimento e é instável e o atirador não está satisfeito com a sensibilidade da pistola, deve fazer experiências a fim de encontrar o local mais apropriado para o centro de gravidade. Isto é encontrado pelo próprio balanço da pistola na mão. A condição favorável é quando a massa de mira permanece tão firme quanto possível por um prolongado período.

O peso da pistola livre requer do atirador a reconstrução do tonus dos músculos do braço. Os exercícios usados para o desenvolvimento do braço, para o tiro de precisão, também são eficazes para esse fim. O atirador deve ser capaz de segurar uma pistola com firmeza aproximadamente de 12 a 18 segundos. Numa série de 10 tiros o atirador pode levantar o braço de 25 a 30 vezes. Isto requer uma considerável resistência dos músculos do braço e do ombro. Para evitar fadiga muscular, o atirador tem que praticar freqüentemente. A fadiga tornar-se-á aparente na última série de uma prova. Para reduzir a tensão muscular, muitos atiradores inclinam o corpo suavemente na direção oposta do braço erguido. Essa alteração de postura ajuda a compensar o peso do braço esticado com a pistola. O método europeu de segurar a pistola é com a mão relaxada. Esse método exige especial treinamento e auto-controle. (No tiro de precisão o punho frrouxo resulta em tiro perdido). Por outro lado uma "pegada" muito apertada redonda num movimento trêmulo na maça de mira. Durante o treinamento o atirador deve descobrir a tensão correta dos músculos da mão, que lhe dará maior firmeza na pistola.

Geralmente a pistola livre é disparada como se segue:

- a) O atirador levanta o braço da banqueta com a pistola carregada e engatilhada.
- b) O gatilho está na posição.
- c) Durante os primeiros 2 a 4 segundos, o braço fica se movendo, mas gradualmente vai se firmando. A maça de mira equilibra-se e vem apoiar-se no entalhe da alça. A linha de visada é feita então com um mínimo arco (ou um círculo mínimo) de movimento.

- d) Com a diminuição de movimento da pistola e a obtenção do bom alinhamento da mira o dedo é colocado levemente sobre o gatilho sem aplicar pressão.
- e) O atirador observa o alinhamento da mira e fica ciente da estabilidade da pressão.
- f) Se as miras estiverem perfeitamente alinhadas, a pressão do gatilho é aumentada, até dar-se o disparo.
- g) A ação do dedo sobre o gatilho é realizada com muito maior precisão do que em qualquer outro tipo de arma curta.
- h) Se por algum motivo o tiro não foi disparado num "momento ótimo", o dedo é retirado cuidadosamente do gatilho e a pistola é baixada até a banqueta, a fim de relaxar o braço e a mão.

Três horas de concentração atirando, não só cansam o braço, como também os olhos. Logo que houver diminuição de eficiência da visão e os focos não puderem mais ser mantidos nítidos, o atirador precisa parar por alguns minutos. Atirar com pistola livre requer grande desejo em fazê-lo e grande concentração mental face a duração do tiro.

O atirador deve guardar sempre na memória:

- a) Todo o movimento do braço deve ser suave. Baixar a arma bruscamente ou tremer ao levantá-la, pode accidentalmente, ocasionar o disparo da pistola.
- b) O atirador deve ser resoluto, ao apertar com segurança o gatilho e não se deixar enganar por movimentos de pouca importância na área de pontaria, enquanto as miras são alinhadas.
- c) Se a série não estiver indo bem, o atirador deve se controlar e permanecer calmo. Deve levantar e baixar a pistola até que esteja satisfeito com o alinhamento das miras antes de disparar.
- d) Depois de um tiro ruim, o atirador coloca a pistola sobre a mesa e descansa por alguns minutos, analisando e buscando a causa do fracasso.
- e) O atirador nunca deve desistir. Deve lembrar-se que um ponto pode fazer a diferença entre ganhar ou perder.

ARTIGO IV — PISTOLA STANDARD

Pistola Standard é qualquer revólver ou pistola automática que preencha as condições constantes do Capítulo I, art. II — Pistola Standard da presente publicação.

A prova é realizada na distância de 25 metros em alvo de pistola livre, sendo disparados 60 tiros, dos quais:

- 20 tiros em 4 séries de 5 tiros em 150 segundos,
- 20 tiros em 4 séries de 5 tiros em 20 segundos, e
- 20 tiros em 4 séries de 5 tiros em 10 segundos.

É permitido realizar 5 tiros de ensaio em um máximo de 150 segundos.

Nesta prova é necessário a aplicação dos fundamentos, quer para o tiro de precisão, quer para o tiro rápido. As noções aqui transmitidas, também são aplicáveis no tiro às silhuetas.

A empunhadura deve ser firme, para absorver o choque do tiro, sem que o punho e o cotovelo sejam dobrados logo após o disparo em consequência do choque (coice).

A obtenção da cadência de tiro é extremamente difícil, mas absolutamente necessária para bons resultados, particularmente nas séries de 10 segundos. Usando uma técnica uniforme, executando corretamente uma seqüência planejada de ações e empregando os fundamentos é de se esperar que o atirador possa obter uma boa cadência de tiro (ritmo).

Durante uma série de tiros rápidos, o atirador deve lembrar-se que não pode corrigir qualquer erro, proveniente da má empunhadura. A obtenção do ritmo está diretamente ligada a esta correta empunhadura da arma. Por sua vez a falta de ritmo é a maior responsável pelos maus tiros de uma série.

Um erro comum, é o atirador tentar obter um dez no primeiro tiro, esforçando-se em querer um perfeito alinhamento das miras e, em consequência, perdendo um valioso tempo,

tão necessário para a execução dos demais tiros da série. O primeiro tiro deve ser disparado dentro de um segundo, após o alvo ter-se virado para o atirador. Quando acontece o primeiro tiro demorar a ser disparado, há uma natural preocupação com o tempo e o atirador perde a sua concentração e aumenta sua velocidade na realização dos tiros restantes. O resultado só pode ser a perda do ritmo e uma série ruim.

Um outro erro, é dar quatro tiros rapidamente e "caprichar na pontaria" por ocasião do quinto tiro. Normalmente, com a perda da cadência este último tiro será ruim, pois o atirador não apertará corretamente o gatilho. A preocupação com o tempo o fará perder a concentração, resultando numa puxada brusca do gatilho. Na matemática do tiro ao alvo, é natural que um bom tiro, seja o resultado da cadência mais a concentração do atirador.

Para a realização do primeiro tiro a orientação seguinte pode ser obedecida:

- olhar diretamente para o alvo com a cabeça na posição correta, fixando a vista em um ponto na borda da armação do alvo (que está de perfil), correspondente ao centro da área de tiro, quando o mesmo estiver virado;
- enrijecer o braço estendido, quando elevá-lo para o alvo, fazendo a pontaria. Os músculos devem estar tensos — a arma, no entanto, não deve tremer — e suficientemente sólidos para receberem o impacto do coice;
- a concentração é necessária, para a obtenção do ritmo;
- ao primeiro sinal de virar o alvo, aumentar a pressão no gatilho;
- o movimento do braço deve ser simultâneo — e não depois — do movimento do alvo. A movimentação do alvo pode produzir uma sensação de surpresa e uma momentânea hesitação. Isto resultará em atraso na realização do primeiro tiro;

— o primeiro tiro deve ser disparado tão logo o alvo se vire. Não deve ser dado enquanto o mesmo se move, mas deve ocorrer dentro do primeiro segundo.

Após o primeiro disparo, os olhos não acompanham a pistola no seu salto, pois isto poderia resultar num movimento da cabeça, tirando-a da sua posição original.

Logo após a retomada da arma, restabelece-se uma firme e progressiva pressão sobre o gatilho, mantendo-se a determinação de alinhar as miras até o instante do disparo seguinte. As miras estarão num quase perfeito alinhamento, após a retomada da arma, se a empunhadura, posição do corpo e da cabeça forem mantidas.

V PARTE

Este trabalho foi baseado no original Basic Pistol Marksmanship Guide, publicado pelo Ex dos EUA.

I — REGULAGEM DA ARMA E PREPARAÇÃO PRELIMINAR

A. Regulagem

Não há desculpa para o fato de alguém perder pontos numa competição, devida a má regulagem da pistola. Tal demonstração de falta de cuidado e de preparo, deve ser deixada para os principiantes.

O atirador não tenta ajustar sua arma (deslocando as miras) depois de um único tiro. Este pode ser impreciso por causa de erros cometidos pelo atirador e nenhuma alteração nas miras trará melhores resultados. A regulagem deve ser feita sobre um agrupamento de tiros e nunca com base em um único disparo. De que vale a regulagem feita para uma pistola livre a 25 metros, quando nunca se faz este tipo de tiro a esta distância? É bom lembrar que um nove às 12 horas é tão bom quanto um nove às 6 horas.

O atirador nunca dá descontos ou "atira na frente do pato". Isto equivale a introduzir um novo fator que nada tem a ver com o controle do gatilho. Ele força o tiro a sair em um momento bem determinado e sobre um ponto fixo, ao invés de permitir que o arco normal de movimento se dê ou de esperar pelo disparo inopinado do tiro. Não deve procurar a regulagem por toda a superfície do alvo. Se o seu agrupamento está deslocado em relação ao centro do alvo, regula, então, as miras para compensar este deslocamento.

Por vezes, em estandes diferentes ou sob condições atmosféricas e de luz variadas, o atirador nota que a regulagem se altera ligeiramente. O atirador tem um livreto de resultados com espaços previstos para anotar as suas regulagens para estandes específicos e para alterações nas condições gerais de tempo e luminosidade. É difícil recordar com exatidão os dados referentes a cada estande. Por isso, ele deve fazer anotações, escrevendo sua regulagem normal na tampa da caixa ou na maleta de transportar a arma. Também é útil marcar nos parafusos de elevação e direção das miras, de cada arma, os pontos correspondentes a sua regulagem normal. Isto é um excelente ponto de referência.

B. Preparação Preliminar

Levando a efeito, habitualmente, as apurações abaixo enumeradas, o atirador põe de lado qualquer dúvida e, nenhum princípio fundamental será esquecido.

1. Ações de Rotina:

- a — Prestar atenção ao seu turno;
- b — Estar no seu posto na hora;
- c — Escurecer as miras;
- d — Separar a munição;
- e — Alterar a regulagem das miras, se necessário;
- f — Luneta; examinar seu alvo; não deve haver orifícios;
- g — Colocar os abafadores;
- h — Preparar o cronômetro.

2. *Preparação Mental:*

Em primeiro lugar o atirador deve ter em mente que ele é o fator determinante de sua atuação. Sorte é algo muito instável. Os bons atiradores não são homens de sorte, eles se esforçam no sentido de utilizar todos os princípios fundamentais em cada tiro.

Ele não tenta apenas vencer cada competição, tenta estabelecer um novo recorde. Sem expectativa não há resultado.

Espera sempre trabalho árduo. Raciocina e pensa.

Planejando *a priori*, cuidadosamente, em detalhe, sua ação no disparo de cada tiro, o atirador estará minimizando o efeito destrutivo da tensão e pressão psicológica.

Atrasos e irregularidades no funcionamento do estande perturbam alguns atiradores. Estes fatos devem ser usados em benefício do atirador, que deve relaxar e exercitar sua paciência.

Caso o atirador decida, de antemão, que ao ver um bom alinhamento das miras dentro do seu arco mínimo de movimento, aplicará uma pressão positiva, diretamente para trás sobre o gatilho, até que a arma dispare, ele deve concentrar-se exclusivamente no alinhamento das miras, pois a pressão suficiente para disparar será aplicada involuntariamente. Se o treinamento a que ele se submeteu, desenvolveu um reflexo condicionado e no sentido de começar a pressionar o gatilho sempre que se apercebia de um arco mínimo de movimento e de um correto alinhamento, ele terá um tiro espontâneo e preciso.

Autoconfiança é o fator decisivo. O atirador alcançará bons resultados caso se convença de que é capaz de aplicar os princípios fundamentais, uniformemente, cada vez que disparar.

II — APLICAÇÃO DOS PRINCIPIOS FUNDAMENTAIS

A. Técnica do Tiro Lento

Aplicável a: Fogo central-precisão, Pistola livre e Pistola Standard 150 segundos.

COMPETE AO ATIRADOR

Aceitar os valores dos impactos na sua área de pontaria. Focalizar a mira anterior e exercer pressão firme e contínua até que o tiro se produza.

Sequência do Tiro

1 — *Imobilizar-se sobre a área de pontaria.* O arco normal de movimento logo será percebido. Se por acaso este arco parecer maior ou com características anormais e o atirador não conseguir reduzir estes efeitos, deve aceitá-lo como se apresenta, como o mínimo de hoje, e prosseguir com o tiro. Contudo, deve esforçar-se para manter sua arma tão imóvel quanto possível, começando a pressionar o gatilho neste momento.

2 — *Encontrar o alinhamento das miras.* O alinhamento das miras deve ser exato e focalizado de tal modo que o centro do alvo se transforme numa massa cinzenta à frente da mira anterior.

3 — *Começar a exercer pressão conforme.* Estabelecer que, uma vez iniciada a ação de pressionar uniformemente o gatilho, ela deve ser completada sem interrupções. Qualquer hesitação, alteração na pressão aplicada, dúvidas sobre o resultado ou perda da concentração, resultará numa pontuação abaixo do aceitável.

4 — *Concentrar-se no alinhamento das miras.* Qualquer distração deve levá-lo imediatamente a repousar a arma e recomeçar. Não insistir em disparar se alguma irregularidade controlável, impedir a existência de condições ideais. Não pensar nos resultados lá no alvo. Qualquer tiro disparado de surpresa com bom alinhamento das miras dentro de sua área de pontaria, será um bom tiro. Não pensar a não ser no alinhamento das miras.

5 — *Tentar obter um disparo inopinado.* Os reflexos não são bastante rápidos para perturbar o alinhamento ou a pressão lenta e uniforme se o tiro se produz de repente. Tiros

disparados de surpresa, dentro da área de pontaria e com um bom alinhamento, formarão um agrupamento que representará a capacidade do atirador de estabilizar a arma.

6 — Sugestões adicionais.

Pode ser vantajoso descansar depois de três ou quatro tiros. Ninguém é obrigado a atirar sempre que levantar a arma. Quando um atirador se cansar, ficar sem fôlego ou sentir dificuldade em se concentrar, antes de mais nada ele deve baixar o braço, relaxar, respirar fundo e tentar de novo. Alguns excelentes atiradores, especialistas em tiro lento, tentam duas ou três vezes antes de disparar um tiro. Não se deve esperar o enquadramento perfeito das miras, basta apenas um perfeito alinhamento. O atirador só pode obter agrupamentos, de acordo com sua habilidade em estabilizar a arma. Mais tarde sua estabilização melhorará e seus agrupamentos se tornarão menores. Em algum momento, durante os 6 segundos necessários para se disparar um tiro nessa modalidade, o seu arco de movimento se manterá num mínimo. A pressão exercida sobre o gatilho deverá progredir de modo a obter a partida, de surpresa, do tiro durante este período.

Exemplo: Caso o arco mínimo de oscilação de um atirador seja atingido ao redor de 6 segundos depois que visa o alvo ele deverá treinar, no sentido de disparar seus tiros dentro de 3 a 6 segundos. Para a maioria dos atiradores, o arco mínimo de movimento tem uma duração de 6 a 8 segundos.

B. Técnica do Tiro Rápido

Técnica de Pistola Standard — 20 e 10 segundos.

Antes de disparar qualquer série de tiros ritmados, é absolutamente necessário que o atirador percorra mentalmente a seqüência da série a ser executada. O atirador deve estar física e psicologicamente preparado para disparar a 25 metros. O atirador logo se dará conta de que esta figuração mental *a priori* o ajudará a manter o ritmo, o controle do ga-

tilho, a recuperação e a facilidade em se descontrair e livrar-se de qualquer pressão psicológica, que se dê durante uma competição. O tiro em 10 ou 20 segundos é executado usando, basicamente, a mesma técnica.

COMPETE AO ATIRADOR

1 — *20 segundos.* Preparar seus pulmões, respirando profundamente antes de atirar. Reter a respiração com os pulmões cheios pela metade, ao mesmo tempo em que procura o alinhamento das miras. Fazer do ritmo seu objetivo principal. Nunca variar este ritmo. Coordenar sua recuperação de modo a ter as miras alinhadas em tempo para o próximo disparo. Contudo, não esperar por um enquadramento perfeito da visada. Caso o ritmo e o alinhamento das miras sejam mantidos, mas não consiga estabilização sobre o centro do alvo a tempo, o atirador poderá obter "noves". Contudo caso consiga fazer com que a arma dispare exatamente quando o enquadramento da visada for perfeito, o impacto atingirá o centro do alvo.

2 — *Dez segundos.* O tiro em dez segundos é, essencialmente, idêntico ao de vinte. O atirador poderá melhorar seu tiro em 10 segundos, aprendendo a disparar o primeiro da série dentro dos 3 segundos iniciais, após o surgimento do alvo. A recuperação imediata do alinhamento e a estabilização sobre a área de visada depois de cada tiro dependem, diretamente, da perfeição e uniformidade da empunhadura e da posição corporal. Atenção especial para uma pressão ininterrupta e uniformemente progressiva no gatilho, ajudará a desenvolver uma cadência bem coordenada, que afastará a preocupação com o tempo. O atirador também deverá aprender a começar a exercer pressão, antes de obter um bom alinhamento, além de esforçar-se no sentido de afastar qualquer pensamento estranho que possa perturbar a cadência e a concentração. Pensar apenas no alinhamento das miras. Os hábitos desenvolvidos durante os treinamentos se encarregaram de fazer os disparos sob perfeito controle.

3 — *Seqüência de tiro para 10 e 20 segundos.* O atirador depois de estender o braço e respirar fundo deve:

- a) Encontrar o alinhamento. A maça deverá se estabilizar naturalmente em relação à mira posterior, vertical e horizontalmente. Concentrar-se, olhando apenas para a maça.
- b) Erguer o braço rapidamente para a área de visada, focalizando, durante o movimento, a maça.
- c) Estabilizar sobre a área de visada com um arco mínimo de movimento.
- d) Focalizar sua visão na mira anterior.
- e) Sentir o gatilho e aplicar uma pressão inicial.
- f) Manter o alinhamento. Agora, seja quando for que o tiro parta, com bom alinhamento e arco mínimo de movimento, o disparo atingirá o alvo de acordo com a sua habilidade em imobilizar a arma.
- g) Começar a exercer pressão uniforme, quando o alvo se abrir. Caso a empunhadura e a posição sejam corretas e o atirador esteja concentrado no alinhamento das miras, com a pressão uniforme iniciada, ao voltar-se o alvo, o disparo será inopinado dentro do primeiro segundo.
- h) Recuperação. Uma recuperação correta da estabilização com as miras mais ou menos alinhadas sobre a área de visada, só pode ser obtida se a posição e empunhadura estiverem perfeitas.
- i) Reaplicar a pressão uniforme sobre o gatilho. Depois do primeiro disparo, no tiro em dez segundos, o atirador tem de começar a pressionar o gatilho antes de recuperar um perfeito alinhamento das miras. Isto não quer dizer que você subordinará o alinhamento ao controle do gatilho. Deve começar a pressionar tão rápido quanto possível, ao mesmo tempo em que se concentra na obtenção do alinhamento, não o enquadramento. A aversão natural em disparar sem um correto alinhamento, não deve retardar a ação sobre o gatilho, até que as miras estejam alinhadas.

C. Utilização do Memento do Atirador

Durante as etapas iniciais do treinamento didático, deve ser dispensada especial atenção à observância de cada item do Memento do Atirador. A medida que os atiradores se tornam mais habilidosos, apenas os itens principais da "preparação", "seqüência do tiro" e "análise do tiro" são importantes. A repetição metódica destes passos essenciais instilarão no atirador os bons hábitos que o capacitarão a repetir, homogeneamente, bons resultados. Além disso, o memento ajudará ao atirador a desenvolvire o hábito de não esquecer qualquer fator, que lhe dê condições de repetir bons resultados. A formação de hábitos, no sentido de não desprezar qualquar fator que venha em auxílio de seu tiro também é obtida com o uso do memento. Os primeiros lugares resultam de: preparo, confiança, perfeito controle do tiro e atuação uniforme.

Um exemplo de memento constitui o anexo 1. (omitido)

D. Tiro com Vento e em Condições anormais

1 — *Tiro com vento*

O tiro com vento leva o atirador a apertar com violência o gatilho. Isto ocorre porque à medida que o arco de movimento aumenta, o atirador tem tendência para relaxar sua pressão sobre o gatilho. Ele fica esperando por um enquadramento melhor. Sua concentração no alinhamento das miras diminui e ele faz um esforço no sentido de disparar em movimento, quando as miras passarem pela vizinhança do centro do alvo. Nestes casos, o procedimento correto é o seguinte: esperar por uma calmaria; concentrar-se normalmente como sempre o faz; assim que presentir um arco mínimo de movimento, levando-se em conta as condições vigentes, iniciar uma pressão constante e crescente sobre o gatilho até que o disparo se produza. Não tentar manter a imobilidade da arma sob rajadas fortes de vento. Aproveitar sempre a chance de repousar. Cada tentativa para disparar um tiro, deve ser feita com a firme resolução de alinhar as miras e aplicar a pressão correta até que o tiro parta.

O agrupamento será maior, tendo em vista o acréscimo de movimento. Contudo, os efeitos negativos decorrentes de um alinhamento mal feito, de movimentos bruscos, de compressão violenta do gatilho e correções exageradas, serão minimizados. Durante o tiro em 10 ou 20 segundos, o atirador deve atirar, quando a ordem for dada, com ou sem vento. As maneiras de ultrapassar este obstáculo são idênticas àquelas usadas no tiro lento. Contudo os resultados serão piores, pois, em geral, o atirador não pode esperar por calmarias. Concentração no alinhamento das miras, a despeito do movimento causado pelo vento, resultará um agrupamento ligeiramente maior do que aquele obtido em condições ideais.

Treino intensivo sob o vento forte não é recomendável. Porém, um determinado número de séries executadas sob estas condições, é aconselhável.

2 — *Condições Anormais*

Condições climáticas adversas tais como: tempo frio, calor, chuva ou fraca luminosidade, trazem problemas que podem ser sanados de modo semelhante ao tiro com vento. O atirador deve concentrar-se nos princípios básicos, e tanto quanto possível, fazer abstração das variáveis que estão perturbando a competição. Aquecedores de bolso, capas de chuva e tiras absorventes para o suor ajudam, mas a maioria dos resultados que se obtêm no estande são produto da *capacidade intelectual* de fazer face ao extraordinário e transformar aquelas condições numa margem de vitória.

Condições anormais nunca devem ser tomadas como uma desculpa para não se fazer o máximo de que se é capaz. Bons resultados são conseguidos com *trabalho árduo, a despeito das condições de tiro*.

III — ANÁLISE DO TIRO E CORREÇÕES POSITIVAS

A análise instantânea e completa do tiro é um requisito absolutamente necessário para qualquer melhoria no desempenho ou nos resultados. Constitui um desperdício total de

tempo e munição postar-se na linha de tiro e disparar ao azar, sem nenhum plano no sentido de aperfeiçoar-se. Uma imagem mental do ponto de impacto e porque ele foi parar ali, deve surgir na mente do atirador, no momento em que o tiro se dá. Medidas corretivas para impedir a repetição de um desempenho sofrível devem ser imediatamente tomadas.

Tem-se escrito muito a cerca das causas de um tiro impreciso, contudo é igualmente vantajoso, analisar o porquê e o como dos bons tiros. Constitui grande vantagem saber-se como atirar bem. Evidentemente, isto é bem melhor do que ter-se a mente cheia de "não isso", "não aquilo". Os técnicos, em particular, devem ressaltar sempre os fatores positivos.

Causas de Tiros Imprecisos e Correções Positivas

É óbvio que há uma multidão de causas para um tiro sofrível. Indica-se a seguir as que mais freqüentemente ocorrem. Não houve, ao redigir-se o texto abaixo, a intenção de se fazer uma lista completa, muito menos de dar ao atirador uma relação de maus hábitos a evitar. Foi feito, isto sim, um trabalho tendo por escopo ajudar o atirador a encontrar a fonte de seus problemas.

1 — *Mira anterior fora de foco.* Freqüentemente este fato é citado como: "olhando para o alvo". O atirador poderá não estar focalizando o alvo, nem as miras, porém como ele não está vendo o alvo em foco, pensa que está focalizando as miras. O atirador deve concentrar-se na mira anterior e manter o alinhamento, enquanto o tiro está sendo disparado.

2 — *Imobilização por tempo prolongado.* Condições adversas pedem a imobilização da arma e podem levar o atirador a retardar o início da pressão sobre o gatilho, à espera de que uma melhoria naquelas condições o favoreçam. O problema real é que o atirador faz isso inconscientemente; é por isso que ele deve, constantemente, perguntar-se: "Será que estou realmente determinado a iniciar a pressão, mesmo que meu arco mínimo de movimento aumente, enquanto eu tenho um alinhamento perfeito?"

3 — *Empunhadura ou Posição defeituosa.* É suficiente dizer-se que o atirador não obterá um resultado apresentável, com qualquer arma, em qualquer stand, se ele atira sempre com a desvantagem de uma posição errada que orienta sua arma para os lados do alvo ou com uma empunhadura que não lhe dá um alinhamento mecânico e natural.

4 — *Sobressalto ou torção:* A aplicação de uma pressão abrupta sobre o gatilho ou no caso da torção, contrações descontroladas repuxam a mão (para o lado esquerdo do corpo) numa ação reflexa. Isto tem por origem a necessidade de disparar rapidamente, enquanto dura o enquadramento das miras ou enquanto estas passam pela proximidade do centro do alvo. Durante um tiro com vento é mais fácil manter o alinhamento do que o enquadramento das miras. O atirador deve exercer pressão diretamente para trás e esperar pelo disparo.

5 — *Antecipação.* A antecipação pode resultar em contrações musculares reflexas, de natureza instantânea, que, coincidindo com o recuo da arma, tornam qualquer tiro impreciso. A antecipação também é a causa principal do repuxamento da mão, torcendo-a para o lado. Entenda-se por antecipação a tentativa de disparar apressadamente, consciente ou inconscientemente.

6 — *Perda de Concentração.* Caso o atirador interrompa sua determinação de aplicar pressão sobre o gatilho enquanto se concentra na mira anterior, esta autodeterminação precisará de ser renovada e o atirador deve, portanto, abaixar a arma e recomeçar.

7 — *Ansiedade.* O atirador trabalha seu tiro arduamente. Enquanto isso, ele vai se preocupando, progressivamente, com dúvidas a respeito da qualidade final de tiro. No fim ele dispara apenas para se livrar daquele tiro em particular, para poder trabalhar nos demais.

8 — *Vacilação.* Isto é mais uma falha mental do que física. O resultado é que o atirador aceita, passivamente, pe-

quenas imperfeições em seus tiros, o que não ocorreria se ele realmente os trabalhasse com afinco. Finalmente o resultado global é que o desportista cria esperanças de obter um bom tiro, esperanças sem base.

Usando a mesma autodeterminação e técnicas para cada disparo, os resultados finais refletirão a uniformidade de sua atuação.

9 — *Falta de continuidade.* A continuidade é uma tentativa subconsciente de manter, de imobilizar na mente, todos os fatores, tal qual estavam no momento do disparo. O atirador deve treinar-se neste sentido. No sentido de continuar a disparar cada tiro, depois que eles se produziram. Não se deve confundir continuidade com recuperação. A simples recuperação e manutenção da imobilidade da arma sobre o alvo não quer dizer que o atirador está dando continuidade ao seu tiro.

10 — *Falta de cadênciа.* Hesitação quando do primeiro ou de outro disparo subsequente no tiro de Pistola Standard. O atirador deve desenvolver um bom ritmo com pressão uniforme sobre o gatilho e, então, ter persistência para continuar assim em todas as oportunidades. Freqüentemente, muitos atiradores mantêm uma boa cadênciа até o último disparo de uma série. Então, hesitam, procurando aprimorar este último tiro, visando à perfeição. Acontece que o tempo se esgota, o alvo começa a se deslocar e o tiro é abruptamente desviado por reações reflexas do atirador.

11 — *Pressão Psicológica durante a Competição* (pressão de competição). Se houver 200 atiradores participando de uma competição, será normal que existam 200 atiradores sofrendo diferentes graus de "pressão de competição". Caso o atirador esteja realmente concentrado com todo o seu esforço mental dirigido para a execução apurada dos princípios fundamentais do tiro, ao invés de se preocupar com os prováveis resultados ou outro fator qualquer, ele se sentirá descontraído, sentindo como se alguém o estivesse elogiando por sua boa atuação.

Avalie Seus Conhecimentos de Administração Militar e Logística

Cap. Int.
LUIZ CARLOS DA SILVA
Instr. C Int/AMAN

É dever de todo militar e em particular dos Cadetes e Oficiais de qualquer arma ou serviço, conhecer os fundamentos básicos da administração militar e do apoio logístico.

Os exercícios que seguem, enfocam a matéria de forma atraente buscando a motivação natural do leitor para sua resolução.

As respostas estão na última página e naturalmente só deverão ser consultadas *a posteriori*.

Se for de seu interesse transformar sua menção em grau (= nota), dê 0,4 pontos para cada resposta certa utilizando na aproximação o critério abaixo exemplificado:

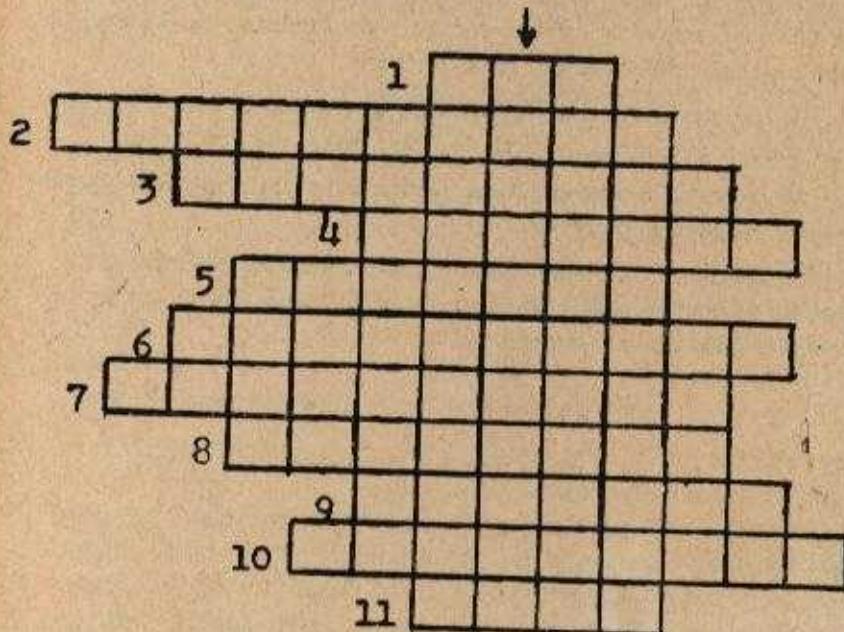
$5 \times 0,4 = 2,0$	Grau	2,0
$6 \times 0,4 = 2,4$	Aprox(+)	2,5
$7 \times 0,4 = 2,8$	Aprox(+)	3,0
$8 \times 0,4 = 3,2$	Aprox(-)	3,0
$9 \times 0,4 = 3,6$	Aprox(-)	3,5
$10 \times 0,4 = 4,0$	Grau	4,0

Para avaliação da menção, utilize a tabela abaixo:

MENÇÃO	PONTOS
I = Insuficiente	0 a 10
R = Regular	10 a 14
B = Bom	14 a 20
MB = Muito Bom	20 a 25

EXERCÍCIO N.º 1 — CRUCIGRAMA

O crucograma seguinte trata de assuntos administrativos e operacionais. Resolva-o, respondendo aos quesitos horizontais propostos e ao item (2) sob a forma de múltipla escolha.



HORIZONTAIS

1. Documento que assegura a inclusão do militar no Sistema Centralizado de Pagamento (SCP).

2. Atividade logística que compreende a determinação das necessidades, a obtenção e a distribuição de material de toda espécie, inclusive equipamentos sobressalentes.
3. Parte da Adm Mil que trata das atividades executadas em benefício de determinada força, a fim de prover-lhe as necessidades de Suprimento, Transporte, Evacuação e Hospitalização, Manutenção, Construção, Mão-de-Obra e Serviços.
4. Disponibilidade em suprimento, posta à disposição de um determinado escalão, para consumo dentro de um período de tempo prescrito.
5. Ato emanado de autoridade competente que cria para o Estado uma obrigação de pagamento.
6. Segundo estágio da despesa.
7. Soldo + gratificação.
8. Função de certas atividades logísticas que visa a consecução dos meios necessários nas respectivas fontes.
9. Numerário acumulado por trabalho ou economia.
10. Individuo, sinal ou letreiro colocado num ponto crítico (P Cte) para indicar uma localização, uma direção, um procedimento ou um obstáculo.
11. Órgão subordinado ao EMFA que tem por finalidade fixar e padronizar os diversos tipos de rações de viveres para emprego na paz e em campanha.

EXERCÍCIO N.º 2 — ASSINALE COM UM "X" A ÚNICA RESPOSTA CERTA

A palavra formada com coluna vertical indicada pela seta, no exercício anterior, se refere a:

- () um Sv Adm
 () um Órgão Provedor (OP)
 () um Sv Tec
 () uma arma de apoio

EXERCÍCIO N.º 3 — LOTERIA LOGÍSTICA

— Tente os 13 pontos, para não dar uma de desatualizado... assinalando suas soluções, com um "X" no volante lotérico:

Obs.: Não há aposta dupla.

QUESITOS	A	B	C
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			

QUESITOS PROPOSTOS

1. Dobro da média aritmética das distâncias entre o limite avançado das posições amigas (LAPA) e os locais onde o escalaõ considerados recebe o Sup do Esc Sup.
 - A) Distância de Apoio
 - B) Distância Máxima de Apoio
 - C) Distância Média de Suprimento (DMS)
2. Coeficiente que multiplcado pela quantidade prevista de um item de Suprimento fornece a quantidade correspondente à sua reposição dentro de um período de tempo.
 - A) Fator de Reposição (F Repo)
 - B) Fator de Consumo (F Cns)
 - C) Fator de Recompletamento (F Rep)
3. Período de 24 horas durante o qual a ração vai ser consumida.
 - A) Ciclo de Suprimento
 - B) Ciclo de Ração
 - C) Ciclo de Classe I

13. Espaço existente entre os pára-choques traseiro e dianteiro de duas viaturas consecutivas, define:

- A) Distância entre viaturas (D E V)
- B) Distância veicular (D Veic)
- C) Escalonamento

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos a Jomini, grande historiador militar, a divisão da Arte da Guerra em três campos: Estratégia, Tática e Logística.

Eisenhower muito bem dimensionou o valor da logística, quando assim se expressou: "A Logística é quem controla todas as campanhas e impõe limites a muitas delas".

SOLUÇÕES

EXERCÍCIO N.º 1



(1)		B	I	P							
(2)	S	U	P	R	I	M	E	N	T	O	
(3)	L	O	G	I	S	T	I	C	A		
(4)		C	R	E	D	I	T	O			
(5)	E	M	P	E	N	H	O				
(6)	L	I	Q	U	I	D	A	Ç	X	O	
(7)	V	E	N	C	I	M	E	N	T	O	
(8)	O	B	T	E	N	Ç	X	O			
(9)		P	E	C	U	L	I	O			
(10)	B	A	L	I	Z	A	D	O	R		
(11)	C	A	F	A							

EXERCÍCIO N.º 2

A palavra formada na coluna vertical indicada pela seta, no exercício anterior, se refere a um Serviço Técnico (Sv Tec)

EXERCÍCIO N.º 3

QUESITOS	A	B	C
1			X
2	X		
3		X	
4		X	
5			X
6	X		
7	X		
8	X		
9		X	
10			X
11			X
12	X		
13	X		

"Em matéria de disciplina o exemplo exerce uma ação bem mais eficaz que as palavras e o soldado regula sua obediência pelo que é praticado por seus chefes."

NAPOLEÃO

